



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL**

Território Umutina: vivências e sustentabilidade

Eliane Boroponepa Monzilar

Orientadora: Profa. Dra. Mônica Celeida Rabelo Nogueira

Dissertação de Mestrado

Brasília - DF, dezembro de 2012.

Monzilar, Eliane Boroponepá

Território Umutina: vivências e sustentabilidade./ Eliane Boroponepá Monzilar.
Brasília, 2012.

49 p. : il.

Dissertação de Mestrado. Centro de Desenvolvimento Sustentável,
Universidade de Brasília, Brasília.

1. Umutina. 2. Território. 3. Sustentabilidade. 4. Educação Escolar Indígena. I.
Universidade de Brasília. CDS. II. Título.

É concedida à Universidade de Brasília permissão para reproduzir cópias deste trabalho e emprestar ou vender tais cópias, somente para propósitos acadêmicos e científicos. A autora reserva outros direitos de publicação e nenhuma parte desta Dissertação de Mestrado pode ser reproduzida sem a autorização por escrito da autora.

Eliane Boroponepá Monzilar

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL**

Território Umutina: vivências e sustentabilidade

Eliane Boroponepa Monzilar

Dissertação de Mestrado submetida ao Centro de Desenvolvimento Sustentável, da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos necessários à obtenção do Grau de Mestrado Profissional em Desenvolvimento Sustentável junto a Povos e Terras Indígenas.

Aprovado por:

Mônica Celeida Rabelo Nogueira, Doutora (CDS-UnB)
Orientadora

Cristiane Assis Portela, Doutora (CDS-UnB)
Examinadora Interna

Maristela Sousa Torres, Doutora (INCTI/CNPq)
Examinadora Externa

Francisca Navantino Pinto D'Ângelo, Mestre (SEE/MT)
Examinadora Indígena

Brasília - DF, 21 de dezembro de 2012.

\

Dedico este trabalho à Comunidade Indígena da Aldeia Umutina que esteve presente em todos os momentos, me acompanhando nesses anos de estudos.

Aos meus pais que contribuíram, acreditando e me incentivando durante esses anos de estudos.

Em especial à minha Mãe Nice Boroponepá (*in memoriam*) que sempre me apoiou e incentivou nessa caminhada: minha eterna gratidão.

Aos colegas, amigos e companheiros(as) que, nos momentos alegres e difíceis, estiveram presentes dando apoio uns aos outros.

Às lideranças, Cacique, Coordenador Local da FUNAI, professores e alunos do Ensino Médio, em especial à turma do 3º ano da Escola de Educação Indígena Jula Paré.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Haipuku (Deus) por ter me fortalecido, iluminado o caminho para que este trabalho fosse realizado, pela oportunidade de aprendizagem que tive e muitas que virão.

Aos meus pais pelo apoio, carinho, amor e paciência que tiveram nos momentos da minha vida.

A minha Mãe Nice Boroponepá *in memoriam* que sempre me apoiou e incentivou nesta caminhada.

Sou grata à minha orientadora Prof^a. Mônica Nogueira pela paciência, compreensão, confiança e atenção.

Aos queridos professores, mestres e doutores, pela paciência de me auxiliar e incentivando durante esses anos de estudos

À instituição Universidade de Brasília (UnB) que acredita nos povos indígenas, incentivando a valorização e divulgando a diversidade cultural e linguística dos povos indígenas.

Em especial, ao Prof. Othon Leonardos, Coordenador do Mestrado Profissional em Sustentabilidade Juntos a Povos e Terras Indígenas, que vem trabalhando e lutando em prol da causa indígena.

À comunidade Umutina, ao cacique Lucimar Calomezoré, ao Chefe de Posto, Luis Fernando, e em especial aos alunos do Ensino Médio 3º ano, da Escola Jula Paré que participaram da realização deste trabalho.

Aos financiadores do Mestrado Profissional em Sustentabilidade junto a Povos e Terras Indígenas: Agência de Desenvolvimento Internacional dos Estados Unidos (USAID), Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) e Ministério da Cultura (MINC).

Por fim, agradeço a todos os colegas e, em especial, a você, caro leitor.

RESUMO

Este trabalho refere-se ao Território Umutina, aos desafios da sustentabilidade e às vivências recentes de jovens do Ensino Médio da Aldeia Umutina em torno desses temas. O Território Umutina já está demarcado: o processo foi efetuado em 24 de abril de 1960 e registrado no Cartório do Município do Rosário D'Oeste-MT, com uma área de 28.120 hectares. A Terra Indígena Umutina é rica e importante, pois através dela é que o povo retira o sustento para a sua vivência e estabelece suas relações nas dimensões sociais e culturais - ou seja, a terra é essencial para manter viva a cultura do povo Umutina. As técnicas utilizadas para a realização deste trabalho foram: pesquisa bibliográfica, dados coletados através de entrevista com as lideranças e jovens da comunidade, oficinas, fotografia, e a participação dos jovens da escola Jula Pará. Esta pesquisa-ação contribui para que as gerações novas, a comunidade e a escola possam ter acesso aos conhecimentos tradicionais, aos saberes, valorizando o espaço territorial e a busca de alternativas dentro da comunidade; servirá de registro e documento para as futuras gerações. Obtiveram-se dados que visam fortalecer a cultura, e também servirá como material didático nas escolas indígenas, permitindo a socialização mais ampla ao público. Vai fortalecer e proteger o espaço territorial, cultivar e manter viva a cultura Umutina para que os jovens possam usufruir desse patrimônio.

Palavras-chave: Umutina. Território. Sustentabilidade. Educação Escolar Indígena.

ABSTRACT

This work analyzes the challenges of sustainability and recent experiences of young high school students in Umutina village, in the Indigenous Land Umutina, located in the state Mato Grosso. The Territory Umutina, with an area of 28,120 hectares, is already demarcated. This process was made on April 24, 1960 and registered in the municipality of Rosario D'Oeste - MT. The Indigenous Land Umutina is essential to keep alive the culture of the people Umutina. The territory is rich and important because it is through it that draws people to sustain their experience and establishes their relationships in social and cultural dimensions. The methodology used for this work was: literature search, data produced through interviews with leaders and youth of the community, workshops, photography, and the participation of young people from school Jula Paré. This action research contributes to the new generations, the community and the school have access to traditional knowledge, valuing the territorial space and the search for alternatives within the community, and serve as a registration document for future generations. We obtained data that aim to strengthen the culture, and will also serve as teaching material in indigenous schools, allowing the broader socialization to the public. Will strengthen and protect the territorial space, cultivate and keep alive the culture so that young people can benefit this heritage.

Key-words: Umutina. Territory. Sustainability. Indigenous Education.

LISTA DE SIGLAS

FUNAI - Fundação Nacional do Índio

FUNASA - Fundação Nacional de Saúde

MEC - Ministério da Educação

ONG - Organização Não Governamental

SECAD - Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão

SPI - Serviço de Proteção ao Índio

TI - Terra Indígena

LISTA DE FIGURAS

Mapa 1 - Terra Indígena Umutina, Mato Grosso

Mapa 2- Localização da Aldeia Umutina

Foto 1 - Círculo de diálogo com os jovens estudantes. Foto da autora, 2011.

Foto 2 - Caminhada ecológica. Foto da autora, 2011

Foto 3 - Professor explicando sobre os remédios. Foto da autora, 2011.

Foto 5 - Caminhando na mata. Foto da autora, 2011

Foto 5 - Jovens e professores da escola Jula Paré. Foto da autora, 2011.

Foto 6 - Conversando com uma liderança. Foto da aultora, 2011.

Foto 7 - Contando histórias para as jovens. Foto produzida por estudante do Ensino Médio da Escola Indígena Jula Paré, 2011.

Foto 8 (a, b, c e d) - Remédios tradicionais (Pau D'Oleo, Bananeira, Jatobá, Dipirona). Fotos produzidas por estudante do Ensino Médio da Escola Indígena Jula Paré, 2011.

Foto 9 -Oficina sobre ervas medicinais. Foto da autora, 2011.

Foto 10 - Apresentação dos resultados da pesquisa-ação para a comunidade. Foto da autora, 2011.

Foto 11 - Apresentação dos resultados da pesquisa-ação para a turma. Foto da autora, 2011.

Foto 12 - Participação das pessoas que foram entrevistadas. Foto da autora, 2011.

Foto 13 - Participação das lideranças e equipe de saúde. Foto de Edna Monzilar, 2011.

Foto 14 - Oficina entre os jovens. Foto da autora, 2011.

Foto 15 - Jovens visitando a casa de senhora Leontina. Foto produzida por estudante do Ensino Médio da Escola Indígena Jula Paré, 2011.

Foto16 - Jovens e ancião Umutina. Foto produzida por estudante do Ensino Médio da Escola Indígena Jula Paré, 2011.

Fotos 17 - Jovens no posto de saúde da aldeia. Foto produzida por estudante do Ensino Médio da Escola Indígena Jula Paré, 2011.

Foto 18 - A pesquisa realizada pelos jovens no rio Dezoito, que deságua no rio Paraguai. Foto produzida por estudante do Ensino Médio da Escola Indígena Jula Paré, 2011.

Foto 19 - Nascente do rio Dezoito.

Foto produzida por estudante do Ensino Médio da Escola Indígena Jula Paré, 2011.

Foto 20 - Vista panorâmica do Rio Laripo (ou Paraguai). Foto da autora, 2011.

Foto 21 - Centro da Aldeia Umutina. Foto da autora, 2011.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| Introdução | 13 |
| Metodologia | 15 |
| Minha trajetória pessoal e profissional | 19 |
| Estrutura deste trabalho | 22 |
| Capítulo 1 - Educação Escolar Indígena e sustentabilidade | 24 |
| Capítulo 2 - A cultura e o território Umutina | 29 |
| 2.1 História do contato | 29 |
| 2.2 O caso dos 23 sobreviventes | 33 |
| 2.3 A convivência e autodenominação Umutina | 36 |
| 2.4 Meios de vida | 38 |
| 2.5 A Terra Indígena Umutina | 40 |
| 2.6 O presente Umutina | 44 |
| 2.7 O papel da mulher na busca pela sustentabilidade Umutina | 46 |
| Capítulo 3 - Análise dos resultados da pesquisa-ação | 49 |
| 3.1 Plantas medicinais e conhecimentos tradicionais Umutina | 56 |
| 3.2 Cultura e Natureza na história Umutina | 59 |
| 3.3 O vídeo como recurso para registro da cultura Umutina | 64 |
| 3.3.1 Danças e rituais | 64 |
| 3.3.2 Peles sociais: as pinturas corporais umutina | 67 |
| 3.4 Práticas e desafios da produção | 67 |

| | |
|---|-----------|
| 3.5 O papel da escola na busca por sustentabilidade | 68 |
| 3.6 Sustentabilidade: diferentes percepções, desafio comum | 71 |
| Considerações finais | 73 |
| Bibliografia | 75 |
| Anexo 1 - Transcrição do Vídeo-Registro da Pesquisa | 77 |

1. Introdução

O Território Indígena (TI) Umutina está localizado no médio norte do estado de Mato Grosso – MT, a 15 km do município de Barra do Bugres. A extensão da área é de 28.120 hectares, circundada, à direita pelo Rio *Xopô* (Bugres) e à esquerda pelo Rio *Laripô* (Paraguai), como se fosse uma ilha fluvial. No seu entorno, encontram-se fazendas, com plantações de cana, criações de gado e, na cabeceira do Rio Paraguai, uma localidade que há muito tempo funcionou como garimpo (Alto Paraguai).

Convivem na TI Umutina vários povos: Paresi, Nambikwara, Bororo, Bakairi, Irantxe, Kayabi, Terena, Umutina. Há uma elevada miscigenação entre esses moradores, mas todos se reconhecem genericamente como Umutina. Também é grande o número de casamentos entre indígenas e não-indígenas.

Os Umutina dominavam um vasto território que compreendia a região dos rios Sepotuba, Bugres e Paraguai, onde praticavam a caça e a pesca. Com a chegada dos colonizadores ao Mato Grosso, o povo Umutina, acabou perdendo essa liberdade, especialmente sob a pressão dos seringueiros e poaeiros, que adentraram a região, causando conflitos e mortes de parte a parte.

O processo de pacificação dos Umutina se deu em várias etapas. O início se deu quando Marechal Rondon mandou instalar um posto de atração, em 1911. Assim que se deu o contato, houve conflitos entre os indígenas e não-índigenas, em seguida, as lastimáveis epidemias de sarampo, tuberculose e pneumonia fizeram órfãos principalmente as crianças, mas atingiu também aos velhos, matando-os. A permanência do contato contribuiu para a perda da população e de traços culturais particulares.

A convivência com a sociedade envolvente implicou em grandes mudanças para o povo Umutina, que agora está se organizando e ressignificando a sua cultura, de modo a manter o sustento para viver e garantir a sustentabilidade, nas dimensões social, territorial e ambiental. A comunidade e os professores Umutina estão buscando, na escola, a revitalização da cultura, do que foi proibido no passado. Embora não sejam falantes da língua nativa, estão, em conjunto, incentivando crianças e jovens a praticar a cultura original dos Umutina - um processo complexo, já que na aldeia vivem famílias

descendentes também de outros povos indígenas. No entanto, a revitalização da cultura tem se mostrado fundamental para todos os moradores, que entendem que se a cultura estiver sendo repassada para as novas gerações, os jovens se tornarão conhecedores e protagonista da sua história e de seus valores. É um rico trabalho, cheio de significado para os Umutina e, por isso, a comunidade tem participado e acreditado na eficiência da escola como espaço para revitalização de suas práticas culturais.

Nesse sentido, já se pode notar um grande avanço. Muitos dos jovens já se pintam e cantam sem nenhum tipo de receio e isso é muito importante. Até os adultos estão participando e valorizando a cultura indígena.

O povo Umutina vem também buscando alternativas econômicas sustentáveis para usufruir e manejar a terra de uma forma que não venha prejudicar o meio ambiente. Infelizmente, não vem tendo apoio dos órgãos competentes para essa tarefa. No entorno da TI Umutina encontram-se fazendas, com criação de gado, plantações de cana e um antigo garimpo na cabeceira do Rio Paraguai. Essas atividades produtivas, de larga escala, têm implicado na degradação do meio ambiente. Sobretudo, as queimadas provenientes das plantações de cana de açúcar e as pastagens plantadas para o gado, trouxeram grandes prejuízos, atingindo a terra Umutina por meio das queimadas, da poluição dos rios e o intenso desmatamento na região.

Ainda assim, a TI Umutina se encontra bastante preservada¹, pois o povo faz roça de toco, planta e colhe, utilizando as técnicas e conhecimentos tradicionais indígenas. Com base nesse sistema, são produzidos alimentos para a subsistência familiar. Além da agricultura, a pesca é parte importante da alimentação Umutina e também a principal fonte de renda das famílias.

Mas, o artesanato, que junto com a pesca constituía fonte de trabalho e renda para as famílias Umutina, foi bastante reduzido, após medidas restritivas do Governo Federal para a comercialização de artesanato produzido com base

¹ De acordo com dados do Instituto Socioambiental - ISA (2012), entre 2000 e 2009 a área desmatada na TI Umutina foi de apenas 2.217 ha, da área total de 28.120 ha dessa Terra Indígena. Em contraposição, o desmatamento no entorno dela é bastante intenso, de modo que a TI Umutina constitui-se na maior área preservada no município de Barra do Bugres.

em restos animais (dentes, penas e ossos), levando famílias artesãs a procurarem outras fontes de renda ou a mudarem da aldeia para a cidade.

Além disso, as famílias vêm aumentando e há uma grande preocupação para que as futuras gerações possam ter uma vida saudável. Nos últimos anos, conforme o censo realizado na aldeia ocorreu um significativo aumento demográfico entre os Umutina. A população atual é de 480 pessoas², sendo a maioria jovens e crianças. Na década de 1980, a população do Posto Indígena Umutina era de 77 pessoas, sendo 36 Umutina descendentes de órfãos recolhidos pela sede do Posto e de alguns Umutina independentes. Os demais eram mestiços, entre Paresi, Kayabi, e Nambikwara, que foram trazidos pelo SPI - Serviço de Proteção ao Índio³.

Os espaços e recursos naturais encontrados na Terra Indígena Umutina, hoje, parecem ser suficientes para a manutenção das práticas culturais, econômicas e sociais dos povos que abriga. Mas, devido ao aumento constante da população, dentro de pouco tempo estes recursos naturais podem não ser mais suficientes para a sobrevivência material e simbólica dos Umutina. Afinal, para as famílias Umutina a terra é fundamental para manter viva a cultura de seu povo.

Devido à falta de condições de trabalho, de apoio e perspectivas de sustento, muitas famílias estão saindo da aldeia e indo para a cidade em busca de emprego. O êxodo é ainda maior entre os jovens, que vão para a cidade em busca de emprego e, segundo eles, melhor “qualidade de vida”. Alguns conseguem encontrar trabalho, mas outros acabam retornando para a aldeia, frustrados.

O trabalho que vem sendo desenvolvido na escola indígena Umutina visa reverter esse quadro, revelando aos jovens a história Umutina, o cotidiano das famílias que ainda mantêm práticas tradicionais de produção, a relação harmônica dessas práticas com o meio ambiente, na qual estão inseridas, a fim

² De acordo com levantamento realizado pelo Prof. Jairton Kupudonepá, em conjunto com estudantes do Ensino Médio da Escola Julá Paré, na Aldeia Umutina, em 2012.

³ Recenseamento realizado por A. J. Jesus (Relatório nº 09/Posto Indígena Umutina -FUNAI, 1980).

de demonstrar para eles que é possível buscar alternativas de auto-sustento dentro do espaço territorial Umutina, manejando e usufruindo da terra de maneira sustentável.

Quando um jovem vai para a cidade, corre o risco de ir para outros caminhos, desvalorizando os costumes e tradições indígenas, seduzido pelo encanto do mundo moderno. Os pais ficam muito preocupados com seus filhos, pois a partir do momento que eles deixam de praticar os costumes da cultura Umutina, passam a se envolver diretamente com a cultura ocidental.

Este trabalho se insere, portanto, nesse contexto e é motivado pela preocupação com a continuidade das marcas culturais e da identidade indígena Umutina, bem como com a sobrevivência das famílias em bases ambientalmente sustentáveis. Também foi motivado pelas expectativas dos jovens Umutina de terem, em um futuro breve, condições melhores de vida dentro da aldeia e para a sua comunidade.

Metodologia

O presente trabalho relata as atividades de pesquisa-ação desenvolvidas na Aldeia Umutina e na Terra Indígena Umutina, no estado de Mato Grosso, envolvendo a participação dos jovens estudantes do Ensino Médio da Escola de Educação Indígena Jula Pará. A pesquisa também envolveu mulheres e homens, lideranças da comunidade, assim como anciões da aldeia, que são detentores de conhecimentos tradicionais do povo Umutina.

Foram atividades: o levantamento de informações em fontes primárias, por meio do diálogo com os anciões da aldeia sobre os conhecimentos tradicionais Umutina, bem como a busca de informações em fontes secundárias, sobre a história Umutina.

As atividades foram organizadas em oficinas com os jovens, incluindo atividades de campo e a apresentação dos trabalhos para a comunidade.

A revisão da bibliografia disponível sobre os Umutina constituiu-se na primeira etapa do trabalho. Vale informar que a bibliografia específica sobre os Umutina não é extensa; merece destaque o material recolhido por Harold Schultz na primeira metade do século XX e, pouco antes dele, o de Max

Schimidt. Foram também incorporados à revisão bibliográfica os trabalhos de conclusão de curso de estudantes Umutina que concluíram a graduação ou cursos de especialização, bem como a transcrição de entrevistas realizadas anteriormente para o meu próprio trabalho de conclusão da graduação em Ciências Sociais, conforme relato constante na próxima sessão desta dissertação.

As oficinas, por sua vez, tiveram o objetivo de discutir possibilidades e alternativas para a comunidade, com base em uma perspectiva de desenvolvimento sustentável em terras indígenas. Foram bastante focadas no estímulo ao diálogo de jovens do Ensino Médio com os mais velhos moradores da aldeia sobre temas como cosmologia Umutina, plantas medicinais e natureza e cultura.

A organização e análise dos registros dessas oficinas também constituíram parte da metodologia deste trabalho, além da produção de um vídeo, que visou documentar as vivências na busca pela sustentabilidade dentro do território do povo Umutina propiciadas pela pesquisa. A produção do vídeo contou com a participação direta dos jovens, com a perspectiva de torná-los conhecedores e protagonista de sua própria história e dos valores culturais Umutina.

Foi também visando o repasse de conhecimentos para gerações futuras que se produziu o vídeo, que registra os saberes tradicionais, bem como relatos dos jovens sobre os desafios de transitar entre dois universos (o indígena e o não-indígena) e da valorização do espaço territorial Umutina. Afinal, após o contato com a sociedade envolvente, os casamentos interétnicos, a proibição da língua materna e a política integracionista imposta pelo SPI somaram-se num processo de perdas culturais crescentes para o povo Umutina, até recentemente. Hoje, o povo Umutina passa por um processo de revitalização de práticas e costumes tradicionais desenvolvidos por seus ancestrais e vêm ressignificando vários outros aspectos culturais.

O vídeo reúne imagens e depoimentos que se constituíram em notas de campo, na medida em que registra as diversas vivências culturais ocorridas durante o período da pesquisa e a visão dos jovens e das lideranças nesse momento. É um importante registro, contado pelos próprios indígenas e que, ao mesmo tempo que se constituiu em registro empírico deste trabalho, também

contribuirá para as gerações futuras e para o fortalecimento e valorização do território Umutina, na medida em que for utilizado em atividades da escola Umutina.

O vídeo foi produzido de forma amadora e ao ritmo das oficinas. As oficinas já vinham sendo registradas com o uso de uma filmadora e um gravador para que a oralidade fosse valorizada. Ao se constatar o potencial desse registro, passou-se a se considerar a possibilidade de produção do vídeo, incluindo entrevistas com jovens, professores e pessoas mais velhas da aldeia, como estratégia de registro de pesquisa.

As novas imagens e registro da pesquisa-ação foram atividades que seguiram contando com a participação dos jovens estudantes de Ensino Médio. O vídeo guarda, assim, o registro das atividades de campo, relacionados às danças culturais, as pinturas corporais, praticas produtiva, e a vivência do cotidiano; depoimentos dos jovens, professores e lideranças que são foco de análise no terceiro capítulo deste trabalho. Os jovens estudantes do Ensino Médio foram bastante ativos nesse processo, tendo inclusive grande parte das filmagens sido realizada por dois jovens estudantes.

A pesquisa-ação é principalmente, um processo de intervenção coletiva assumido por participantes práticos (*praticiens*), com vistas a realizar uma mudança social, com a implicação dos atores em situação (DIONES, 2007).

É relevante destacar que a ação é mais consistente que o discurso para convencer as pessoas de mudarem seus comportamentos. A mudança se torna mais efetiva, quando a pessoa está fortemente ligada ao processo e também quando a sua participação é mais ativa. Nesse sentido é que esta pesquisa foi desenvolvida, tendo todos os sujeitos envolvidos e atuando de forma participativa em vários aspectos dos saberes tradicionais do povo Umutina.

Assim, a pesquisa-ação realizada se propôs a contribuir com a discussão e a busca de alternativas para a sustentabilidade econômica do povo Umutina em seu território demarcado. Partiu-se da compreensão de que a busca por um desenvolvimento sustentável perpassa várias dimensões da vida em comunidade, tendo, portanto uma relação direta também com a educação e o trabalho.

A educação, em sentido amplo e não apenas restrita ao ambiente escolar, é fundamental nesse momento para o povo Umutina, sobretudo quando reconhece que os Umutina têm seus próprios processos de ensino-aprendizagem, que se dão na convivência cotidiana das famílias, dos trabalhos, dos costumes, com base no compartilhamento, no diálogo e no exemplo de vida. Os anciões ensinam e repassam aos jovens sobre o conhecimento da cultura: a dança, a pintura corporal, o ritual do timbó, os cantos, a língua, a arte, a caça, a pesca, a preparação da comida tradicional, a medicina tradicional, entre outros, para manter vivos e fluentes esses conhecimentos, nos dias atuais e futuramente.

Para os jovens esse conhecimento é um instrumento para a vida social e cultural, dentro do contexto histórico no qual estão inseridos, seja na aldeia ou fora da aldeia. Apesar da influência da cultura ocidental, que parece ser inevitável, os jovens têm, assim, a oportunidade de conhecer e se apropriarem da cultura Umutina, valorizando-a. Por outro lado, também é importante, nesse contexto, interagir, selecionando na cultura não-indígena o que pode contribuir para a continuidade e divulgação da cultura material e simbólica dos Umutina.

As atividades de pesquisa desenvolvidas tiveram como ponto de partida a educação, na perspectiva de não só incluir o jovem nesse debate, mas também estimulá-lo para que ele seja protagonista na defesa, luta e busca por alternativas de sobrevivência dentro da aldeia, valorizando e ocupando o espaço territorial Umutina. Assim, visaram também contribuir para o diálogo entre os jovens, seus pais e a comunidade sobre o usufruto da terra, a importância e a valorização desse território, bem como dos desafios e possibilidades em termos de trabalho e renda para que os jovens permaneçam na terra.

1.2 Minha trajetória pessoal e profissional

O meu nome é Eliane Boroponepá Monzilar, sou indígena e pertencço ao povo Umutina. Moro e trabalho como professora na Terra Indígena Umutina, Aldeia Umutina, no município de Barra do Bugres, estado de Mato Grosso.

Enfrentei muitos desafios para dar continuidade aos estudos. Como muitos jovens indígenas, tive que sair da aldeia, por algum tempo, para estudar. Foi um período muito difícil, mas muito significativo na busca de conhecimento para o meu próprio desenvolvimento e o de minha comunidade.

Concluí a formação em nível de Magistério, através do Ensino Médio Profissionalizante, no ano de 1997. No início, por falta de vaga na escola da minha aldeia, dei aulas em uma escola rural do município de Barra do Bugres, para alunos não-indígenas, durante dois anos. Nesse período, aumentava a demanda dos alunos indígenas que ingressariam no Ensino Fundamental e, conseqüentemente, a comunidade começou a lutar e se articular para trazer o Ensino Fundamental para a aldeia Umutina. Alguns jovens da aldeia já estavam indo para a cidade para dar continuidade aos estudos, preocupando os pais e a comunidade, que tinham receio com o que pudesse acontecer com esses jovens.

Depois de muitas reivindicações e luta, os Umutina conquistaram o Ensino Fundamental e eu pude retornar à aldeia para atuar como professora e contribuir na questão do ensino e aprendizagem dentro da comunidade. Nesse momento, eu era contratada temporária, pela Secretária de Educação do Estado de Mato Grosso ou pelo município Barra do Bugres.

Em 2001, foi criado um curso de graduação em Barra do Bugres, intitulado "Formação de Professores Indígenas". Fiz o vestibular e fui chamada na segunda turma. Assim que formaram a primeira turma de professores indígenas, com nível superior, surgiu um concurso público específico. Fiz o concurso e passei, tornando-me professora efetiva da rede estadual do estado de Mato Grosso.

Na graduação, cursei licenciatura na área de Ciências Sociais, pela Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT). Meu trabalho final de curso foi sobre a mudança do povo Umutina da Aldeia Umaitá para a Aldeia Umutina, realizei uma pesquisa sobre a história do meu povo e seu território, as mudanças positivas e negativas ocorridas ao longo dos anos, após o contato com as frentes colonizadoras. A pesquisa foi baseada na memória coletiva Umutina sobre sua trajetória recente.

Após a graduação, fiz também uma Especialização na Faculdade Indígena Intercultural, que terminei no ano de 2009. O enfoque principal de

meu trabalho final no curso foi sobre a Educação Escolar Indígena e o processo de demarcação e proteção do território Umutina. Nesse trabalho, apresento relatos e fatos relativos ao processo de demarcação do território Umutina e a forma como o povo protegeu e protege o espaço territorial ao longo dos tempos. A presença dos jovens foi importante na realização dessa pesquisa. Desde então, vim experimentando articular o trabalho que desenvolvo na Escola Jula Pará com meus esforços de pesquisa, de modo a fortalecer a estratégia de estímulo aos jovens Umutina para que conheçam, protejam e valorizem a sua história.

Assim, a atuação dos jovens foi essencial neste processo, vivenciaram uma experiência única e fundamental, onde conheceram o território Umutina, a história de como aconteceu esse processo da demarcação, o marco da divisa, ao descer pelo rio Bugres, as riquezas naturais que existem na TI Umutina. Foram atividades realizadas na época a coleta de dados, através de entrevistas com os mais velhos e demais pessoas da comunidade envolvidas diretamente no processo de demarcação do território e a transcrição dos mesmos. Também realizamos juntos uma aula prática, em visita às origens do marco da demarcação. O trabalho foi finalizado em 2009 com a apresentação dos resultados à comunidade - experiência que retomo no presente trabalho.

Em 2009 fui eleita Coordenadora Pedagógica da Escola Jula Pará, pelo período de dois anos. Na Coordenação Pedagógica da escola segui desenvolvendo atividades relacionadas à questão cultural, com o intuito de valorizar, fortalecer e multiplicar o saber e as tradições do povo, junto às crianças e adolescentes, estudantes da escola, em diálogo com a comunidade. A cada término do semestre, os estudantes faziam apresentações culturais como a dança Umutina, a dramatização de histórias e mitos, a pintura corporal, a preparação das comidas e bebidas típicas e a prática do esporte tradicional com arco e flecha. Todas as atividades que se sucederam durante esse período contribuíram, sem dúvida, para a concepção e desenvolvimento da pesquisa-ação que originou este trabalho.

Assim, a pesquisa que aqui relato representa uma continuidade dos trabalhos iniciados anteriormente com os anciões, jovens da escola e a

comunidade, sobre como o povo Umutina vive, usufruindo de maneira sustentável de seu território e com base em sua própria cultura.

Trata-se também da continuação do trabalho que faço na educação em prol da comunidade, buscando discutir possibilidades de sustentabilidade econômica dentro do território demarcado, considerando o atual debate sobre o desenvolvimento sustentável. Trabalho que também visa formar os jovens para que esses possam ser protagonistas, e, assim, defender e buscar meios alternativos de sustentabilidade dentro da própria aldeia. Afinal, essa é uma preocupação central dos pais e da comunidade: quais as perspectivas futuras para os jovens. Assim, trata-se de uma pesquisa que vem de encontro com os anseios da comunidade.

Nesse contexto, a pesquisa-ação revelou-se uma experiência única e adequada aos meus interesses e de minha comunidade, pois parte da realidade e do cotidiano, bem como da vivência prática de todos os envolvidos. Ou seja, a comunidade foi diretamente envolvida e atuou na pesquisa, motivada pela perspectiva de fortalecer a cultura Umutina.

Vale também destacar que, enquanto pesquisadora indígena, é maior o compromisso e responsabilidade perante a comunidade, que espera um retorno. Afinal, eu também faço parte desse contexto. Ressalto ainda que, hoje, o próprio indígena pode contar escrever, registrar a sua história, sendo protagonista da sua história e da sua cultura, não mais mero expectador. Podendo participar de forma ativa e com um olhar holístico da realidade, do mundo interno e externo à aldeia. Sabendo transitar e dialogar nesses dois universos: do conhecimento científico e do conhecimento tradicional. Essa tem sido a minha busca e o presente trabalho registra, ainda que parcialmente, os resultados que venho obtendo.

1.3 Estrutura deste trabalho

O presente trabalho encontra-se organizado em capítulos, descritos a seguir:

Capítulo 1: foi dedicado à discussão sobre os princípios que devem orientar a educação escolar indígena e seu papel para o fortalecimento e

valorização das culturas indígenas. Também são discutidas as relações entre território, sustentabilidade e educação que fundamentaram a pesquisa realizada entre os estudantes do Ensino Médio da Escola Jula Pará, na Aldeia Umutina.

Capítulo 2: revisão sobre a história dos Umutina, a partir do contato com as frentes colonizadoras no Mato Grosso, destacando os impactos desse encontro sobre a cultura Umutina. Essa revisão sobre a história recente Umutina ajuda a compreender o momento atual. O capítulo também oferece uma descrição dos modos de vida tradicionais dos Umutina, em grande parte relatados pelo etnólogo Schultz, no início do século XX, além de apresentar o histórico de demarcação e caracterização da Terra Indígena Umutina. Por fim, o capítulo descreve, em linhas gerais, a realidade atual das famílias na Aldeia Umutina, o que mudou e o que permanece das práticas produtivas e na organização social da comunidade.

Capítulo 3: traz uma descrição das oficinas realizadas com jovens do Ensino Médio da Aldeia Umutina e a discussão dos resultados obtidos.

Após as considerações finais, o leitor também a descrição completa do vídeo-registro da pesquisa.

CAPÍTULO 1

EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA E SUSTENTABILIDADE

Os povos indígenas têm seus próprios processos de educação, que, normalmente, ocorrem coletivamente, por meio da transmissão de conhecimentos tradicionais e da formação de indivíduos, conforme os valores e regras sociais estabelecidos para cada povo. Assim, cada sociedade tem a sua própria educação.

De acordo com a política da SECAD/MEC, a Educação Escolar Indígena deve estar a serviço da valorização e manutenção da sociodiversidade indígena e compreendida no contexto das lutas e da mobilização dos povos indígenas pela garantia, por parte do Estado brasileiro, de uma educação diferenciada.

Assim, os projetos político-pedagógicos das escolas indígenas devem ser orientados pelos valores e a história particular de cada povo, numa perspectiva política de autonomia e de continuidade cultural, sem prejuízo de estratégias de interação com a sociedade envolvente.

O reconhecimento dos processos próprios de aprendizagem de povos indígenas deriva do reconhecimento das diferentes formas de se organizar socialmente dos povos. A própria educação indígena perpassa processos culturais diversos, ao longo da vida em comunidade. Assim também os Umutina têm seus próprios processos de aprendizagem e transmissão de conhecimentos milenares, passados de geração em geração, em mitos, ritos e no convívio comunitário.

Nesse sentido, a educação (nos moldes tradicionais e não o escolar) é de grande relevância, pois é um instrumento de vida social e cultural do povo Umutina e se dá na convivência cotidiana de cada família, nos costumes compartilhados, no diálogo e no exemplo de vida. Os anciões ensinam e repassam aos jovens o conhecimento da cultura que é a dança, a pintura corporal, o ritual do timbó, os cantos, a língua, a arte, a caça, a pesca, a preparação da comida tradicional, a medicina tradicional entre outros para

mantê-la viva. Assim, para os Umutina o conhecimento está presente nas relações de convivência comunitária, mas também com o meio ambiente no qual esta inserido.

A apropriação e a ressignificação da escola pelo povo Umutina é recente e se apóia na garantia dos dispositivos legais da Constituição Federal de 1988 e na Lei de Diretrizes e Bases de 1996. Para os Umutina, o espaço da educação escolar é também importante, embora se tenha muito claro que a escola tem aspectos positivos e negativos.

Segundo alerta Gersem Baniwa:

é importante em primeiro lugar destacar que para os povos indígenas a instituição escolar é hoje uma necessidade ou uma oportunidade, qualquer que seja sua vertente político-pedagógica e ideológica. Em função disso não abrem mão de acesso à escola e por isso lutaram ao longo do tempo para que esse acesso se tornasse um direito. Em segundo lugar, é importante considerar que na maioria das vezes e situações, a escola não foi imposta aos povos indígenas, mas sim, por convencimento de que ela é o instrumento de civilização e progresso do homem branco, incorporada à visão local. Desse modo, o que foi imposto foi uma visão de mundo próprio dos povos europeus e não a escola, embora ela seja instrumento dessa visão. Em terceiro lugar, os povos indígenas no Brasil ainda não pautaram em sua agenda e debate o papel e impacto da escola para a vida presente e futura de suas coletividades, limitam-se tão somente à discussão de sua necessidade e importância como direito subjetivo (2007: 8)

Ressalto que essa reflexão e análise é importante para os povos indígenas, sobretudo pelo potencial da escola para tornar-se espaço fundamental para se aprender a transitar entre esses dois mundos (indígena e não-indígena) - desde que se garanta um olhar crítico, profundo e amplo com relação à escola que temos e a que queremos, no que a educação escolar indígena está contribuindo para a realidade atual e futura nas comunidades.

No caso Umutina, a aposta é de que, colocada a serviço da diversidade cultural e protagonizada pelos próprios indígenas, a escola possa se tornar um espaço fundamental de interação e revitalização de tudo que ficou adormecido no passado com relação às práticas culturais e sociais particulares desse povo.

Conforme Grupioni:

a proposta de uma escola indígena, intercultural, bilíngue, diferenciada e comunitária só se realiza com a efetiva participação da

comunidade indígena. É por meio do envolvimento dos pais e alunos, dos chefes da comunidade, das pessoas mais velhas do local, discutindo e pensando junto com os professores índios e com representantes do sistema educacional, que a escola, uma instituição tipicamente ocidental, pode ganhar uma feição indígena, atendendo as demandas daquele povo e servindo aos seus interesses, na perspectiva da autonomia e de um melhor relacionamento desses povos com segmentos da sociedade brasileira. Para que isso seja possível, o primeiro cuidado a ser tomado em relação a escola é que ela não substitua ou interfira nos processos tradicionais de transmissão de conhecimento e de formação dos indivíduos, que existem em todas as sociedades, mas que interaja com eles, completando-os naquilo que a comunidade considere relevante (s/d: 1).

A participação dos pais e da comunidade é essencial nesse processo para que de fato se tenha uma educação escolar indígena que venha de encontro com os anseios e as demanda da comunidade e que o ensino-aprendizagem possa dialogar com os dois universos do conhecimento tradicional e da sociedade envolvente.

É responsabilidade do Ministério da Educação mobilizar os sistemas de ensino para atuarem, levando em conta os marcos constitucionais dos direitos indígenas e a avaliação crítica das políticas integracionistas e homogeneizantes que ainda hoje fundamentam muitas das práticas gerenciais da política educacional brasileira.

Outro aspecto importante diz respeito à relação entre escola e sustentabilidade. A ação educacional deve contribuir para a sustentabilidade socioambiental, articulando os conhecimentos tradicionais às novas tecnologias, de modo a contribuir com os povos indígenas na gestão de seus territórios, com autonomia e conforme seus interesses e necessidades.

Para uma melhor reflexão associada ao território, que considere as vivências e os desafios da sustentabilidade para os Umutina, é necessário lembrar que o território tem uma posição central para esse povo, base de sustentação para as dimensões econômicas, sociais e culturais de sua experiência.

Segundo Gersem Baniwa (2010) o território é compreendido como todo espaço que é imprescindível para que um grupo étnico tenha acesso aos recursos que tornam possível a sua reprodução material e espiritual, de acordo

com características próprias da organização produtiva e social, enquanto a terra é compreendida como um espaço físico e geográfico. A terra é o espaço geográfico que compõe o território onde o território é entendido como um espaço do cosmos, mais abrangente e completo. Para os povos indígenas, o território compreende a própria natureza, dos seres naturais e sobrenaturais, onde o rio não é simplesmente o rio, mas inclui todos os seres, espíritos e deuses que nele habitam. Nesse contexto, é importante compreender as relações dos indígenas com a natureza, com especial atenção ao meio ambiente no qual cada povo está inserido. Diferentemente das sociedades ocidentais, a natureza tem um sentido especial para os indígenas.

a sociedade contemporânea tem se mostrado, em geral, crescentemente simpática às culturas nativas do continente, a medida em que vamos definindo a Natureza como um valor positivo, percebendo a Amazônia como um ambiente frágil e ameaçado, e projetando sobre os povos indígenas uma imagem nostálgica 'do que poderia ter sido e que não foi', para falarmos como o poeta – uma imagem do que perdemos ao deixar (imaginamos) a natureza para entrar (imaginamos) na história, enveredando pelo caminho sem volta da cultura e da civilização: urbanização, industrialização, poluição, superpopulação, globalização (VIVEIROS CASTRO, 2007: 2).

O mesmo autor, após estudos antropológicos, destaca ainda:

A sintonia indígena com a natureza seria, assim, infusa ou imanente-inconsciente, orgânica, homeostática. Por outro lado, e de modo parcialmente, a ideologia ecológico-progressista costuma representar os povos indígenas como possuidores de uma quantidade de segredo da floresta inacessível à ciência ocidental; a sintonia com a natureza seria ativa, transcendente, cognitiva: em lugar de natural, seria sobrenatural (ibid.: 3).

Ao longo dos tempos, os povos indígenas encontraram formas e estratégias de convivência com o seu ambiente, desenvolveram tecnologias sofisticadas, mostraram o grande valor da floresta para a sobrevivência humana. O saber indígena deve ser divulgado e valorizado, pois pode ser que seja um instrumento para transitar e sobreviver no mundo moderno - mesmo para os não-indígenas.

Assim, é importante que as secretarias estaduais de educação, para cumprimento das determinações constitucionais relativas ao direito a uma educação diferenciada para indígenas, observem aspectos relativos à territorialidade desses povos. É igualmente importante a incorporação de práticas de gestão compartilhada, com a participação de representantes da

comunidade para definição do projeto político pedagógico da escola e de ações que venham melhorar as suas condições de vida.

CAPÍTULO 2

A CULTURA E O TERRITÓRIO Umutina

2.1 História do contato

As primeiras notícias a respeito dos Umutina são de Ricardo Franco de Almeida Serra, em "Extracto da descripção geographia da Provincia de Mato Grosso" produzido em 1797 (SCHULTZ, 1962).

Falante de uma língua do tronco linguístico Macro-Jê, da família Bororo, e habitante da região central de Mato Grosso, o povo Umutina dominava um vasto território que compreendia a região dos rios Sepotuba, Bugres e Paraguai, onde praticava a caça, a pesca e extensos roçados.

Tem-se dados da localização do povo Umutina, nas margens do rio dos Bugres, afluente do Alto Rio Paraguai. Conforme informação de Augusto Leverger (*apud* SCHUL TZ, 1962:76):

3 leguas mais baixo, entra pela margem direita, um riacho de canoa a que alguns chamam Rio Branco, outro Rio dos Bugres ou dos barbados e também Tapirapoan. Nas cabeceiras deste riacho, está o aldeamento dos índios Barbados. Seu numero anda por 400. Sustentam-se de caça, da pesca, dos frutos espontâneos do solo e de milho, mandioca, batatas e carás que plantam, cultivando a terra com instrumentos feitos de pedra, e de madeira de cerne. Vivem em paz com outras nações indígenas. Posto que pouco distante das nossas povoações, nunca tiveram nem procuraram ter relações comnosco. Descem às vezes até a margem do Paraguai. Tem sucedido atacarem canoas que iam do Diamantino para Villa Maria, e se não nos hostilizam mais frequentemente é de medo das nossas armas.

Com a chegada das frentes colonizadoras no estado de Mato Grosso, a partir do século XIX, o povo Umutina, que era nômade acabou perdendo a liberdade e enfrentando um longo período de conflitos com as frentes que subiam os afluentes do Paraguai, em busca da poaia, seringa, ouro e novas terras. Os Umutina então se deslocaram, subindo o rio Paraguai, cedendo à pressão dos colonizadores. Com o avanço das frentes colonizadoras, os Umutina foram obrigados a recuar, chegando aonde hoje é a atual aldeia Umutina. Mas os dados históricos e os mitos Umutina revelam que a bacia do rio Paraguai foi território tradicional desse povo.

Segundo o padre Salesiano Nicolau Baclarioti, em 1898 (OPAN, s. d.), era a intenção do Governo do Mato Grosso organizar uma expedição de extermínio contra esses indígenas, dada a resistência que opunham à

penetração de não-indígenas às suas terras. Mas foi somente após um ano da criação do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), 1911, que se consolidou o contato com o povo Umutina, 1912. O homem não-indígena que fez o primeiro contato foi Severiano Godofredo de Albuquerque, era o chefe da expedição de contato com os Umutina. Mas quem passou à frente desse processo foi Epifânio Ribeiro Táxi, com seu irmão Benedito Ribeiro Táxi e outros, sendo doze homens no total.

Segundo o Sr. Adão Táxi, pertencente à família do Sr. Epifânio, a pacificação com os Umutina não foi fácil. O processo de “pacificação” aconteceu durante alguns anos e a tática usada pelos não-indígenas foi o plantio de roças na margem esquerda do rio Bugres, para atrair os indígenas. Enquanto não era chegada a hora da colheita, eles também colocavam na roça produtos alimentícios, como arroz, açúcar, feijão, além de ferramentas, como enxada, faca, facão e outros para oferecer aos indígenas (entrevista realizada em setembro de 2005).

Segundo Adão Táxi, nascido em 1933, o primeiro contato do SPI com o povo Umutina aconteceu no Posto Velho - a primeira aldeia que reuniu os indígenas. Ficaram ali de um a dois anos, à margem esquerda do rio Bugres.

O primeiro contato com os Umutina decorreu a pedido dos poaieiros, que disseram Cândido Mariano Rondon tomasse providências, pois os indígenas estavam matando os não-indígenas na região:

"Os índios está atacando nós. O poaieiro vai poaiar na beira do rio e os índios matam tem que ter um jeito para evitar isso" disseram ao chefe da Comissão Rondon. Ele disse: "entre vocês, procurem homens capacitados que tenha coragem e, lá nos meus, vou ver quem vem para trabalhar". Foi então escolhido uns dos chefes: Severiano, Epifânio e o seu irmão Benedito e aqui arrumaram mais pessoas para fazer a primeira roça lá no Posto Velho (nome dado quando eles mudaram de lá), para receber os índios. Foi então que aconteceu o contato feito pela Comissão de Rondon que pacificou os Umutina (entrevista realizada com o Sr. Adão Táxi, em setembro de 2005).

Esse diálogo teria ocorrido quando Cândido Mariano Rondon passava pela região para a construção de um ramal da linha telegráfica em Afonso, hoje cidade São Afonso.

O pai do Sr. Adão, Epifânio, contava para seu filho que provocava os Umutina para falar o português. Passava na porta, abria os braços na porta e

eles diziam “topi” que quer dizer: "sai daí". Ele foi gravando aos poucos na memória as palavras pronunciadas pelos Umutina.

Por duas vezes os Umutina se aproximaram da roça com os presentes, porém tentavam resistir e ficavam olhando de longe. Os primeiros visitantes da roça foram os homens guerreiros, que foram bem recebidos pelo Sr. Epifânio. Em seguida, trouxeram os jovens, adolescentes em transição para a fase adulta. Depois, trouxeram a família toda para o Posto Velho. Mas isso ocorreu segunda viagem: Kupo e Apo ficaram. Os outros indígenas foram embora para suas malocas, mas estes dois adolescentes não os acompanharam. Kupo tinha 10 anos e Apo 12 anos segundo o informante.

O povo Umutina era conhecido pelos não-indígenas como “barbados” pelo fato de usarem longas barbas. As mulheres deixavam os cabelos crescerem para que os homens os cortassem. Com os cabelos das mulheres confeccionavam os colares para o uso masculino, que se pareciam com barbas. As mulheres e crianças andavam muito ornamentadas. Tanto as mulheres quanto as meninas tinham o corpo despido somente da cintura para cima, coberto por muitos colares de dentes de animais e grandes brincos de penas coloridas.

Os Umutina eram tecelões e ceramistas e desenvolveram o trançado. A base alimentar era o milho com o qual faziam mingaus, beiju etc. Cultivavam mandioca, feijão fava e pimenta. O alimento mais importante depois da lavoura é a caça e o pescado. O tabaco e bebidas fermentadas não eram conhecidos pelos Umutina.

Após o contato e o convívio com os colonizadores, o povo Umutina passou a assimilar e se socializar na cultura dos não-indígenas. Os indígenas do posto indígena passaram a viver em um regime bastante distinto do cotidiano da maloca e por imposição de um chefe de posto Otaviano Calmon, sob ameaças e castigos, foram proibidos de falarem sua língua materna e de realizarem suas festas e rituais.

Os colonizadores trouxeram doenças que provocaram muitas mortes entre os indígenas, principalmente entre crianças e velhos. Fortes epidemias de sarampo, tuberculose e pneumonia fizeram muitos órfãos entre as crianças, além de deixarem jovens solteiros enfermos na grande maioria nas malocas.

Sob o pretexto de oferecer-lhes tratamento de saúde, os Umutina que ainda estavam na mata foram levados pelos funcionários do SPI para residirem definitivamente no Posto Indígena. Isso foi um dos fatores que veio a contribuir com a depopulação do povo Umutina.

Relatório do SPI, datado de 1920, R. An. (Mato Grosso) às fls.22 a 25, informa que:

Temos que lastimar a perda de 1/3 da população desta aldeia, que contava umas 300 almas, quando restam unicamente duzentos convalescentes, com aspectos de cadáveres e não dos valentes Barbados que pacifiquei. Com que pesar ouvi Boepá falar, momentos depois de sua mulher Paurpé expirar nos braços do bororo Kutipi Bacureus: 'De que nos serve tanta farinha e roupa se morremos todos de moléstias que vocês nos passaram. Agora que todos nós morremos, você que diz ser nosso amigo, porque não nos cura?' E éramos impotentes para debelar o mal".

Foi nesse período, que uma política do governo federal, via SPI, trouxe para o território Umutina famílias de outros povos indígenas. A chegada dessas etnias ocorreu quando o SPI criou o posto chamado "Fraternidade Indígena", para onde os indígenas de outros povos, que deveriam sofrer punições, eram transferidos, sendo reeducados. Uma segunda leva, se deu após os Umutina serem reduzidos drasticamente. Então, a equipe do Posto Indígena foi buscar em Utiariti os Parecis e alguns Nambikwara que ali residiam. O objetivo era de que essas famílias cuidassem da terra e dos pequenos órfãos Umutina que restavam.

Mas essa atitude causou grandes problemas aos povos indígenas descolados para o Posto e também aos Umutina - mesmo para aqueles que permaneciam na mata. No início dos anos 40, contavam-se 50 Umutina no posto e 23 em 3 malocas na mata, que resistiam aos esforços de atração do posto.

No Posto, os representantes indígenas, de diferentes povos, constituíram uma nova comunidade com leis e normas alheias a cada um dos grupos ali representados, o que desencadeou um estado permanente de conflitos entre eles. Afinal, eram várias culturas, em estágios diferenciados de contato, favorecendo que entre os anos de 1930 e 1970 a população do Posto Indígena Fraternidade vivenciasse o desencanto e a desestruturação das formas originais de suas culturas (Umutina, Pareci, Nambikwara), além de diversos conflitos internos.

2.2 O caso dos 23 sobreviventes

Nas expedições realizadas por Shultz em 1943, 1944 e 1945 ao Mato Grosso, esse pesquisador esteve entre os remanescentes dos Umutina, permanecendo entre eles durante oito meses de convivência. De acordo com informações de moradores antigos da região, antigamente havia muitos Umutina, mas em 1943, apenas vinte e três indivíduos viviam, na última aldeia existente, no Alto Rio Paraguai, a uns cinquenta quilômetros da pequena localidade de Barra do rio dos Bugres.

Shultz (1953) passou antes pelo Posto Fraternidade. A maioria dos indígenas no Posto era Umutina, indivíduos que viviam ali desde a infância. Logo após a pacificação, irrompeu uma epidemia (de coqueluche e bronco-pneumonia) entre os Umutina que se encontravam na selva e muitos morreram. Os órfãos foram recolhidos pelo pessoal do Posto Indígena e por eles educados. Na passagem de Shultz, esses órfãos, já casados, tinham filhos que já não falavam o idioma de seus pais e frequentavam a escola do Posto.

Segundo o autor, à época, os Umutina não existiam mais. Os sobreviventes da epidemia, haviam abandonando sua vida difícil na mata, em troca de certa segurança no Posto, aonde viviam cerca de setenta Umutina civilizados, ao lado de indígenas Paresi e Nambikwara. A maioria desses Umutina desconhecia a sua antiga cultura, segundo o pesquisador.

Pouco tempo depois, Shultz identifica a aldeia remanescente Umutina. Contou com o auxílio de Kupo, indígena que foi seu intérprete, articulou e facilitou a estadia de Shultz na maloca Umutina. Para tornar-se amigo dos Umutina, o pesquisador dava-lhes presentes como facão, machado e punhal. Essa foi sempre a estratégia adotada pelos não-indígenas para se aproximarem dos povos indígenas.

Os Umutina eram da mata, lavradores, caçadores e pescadores. Nas suas casas, viviam diversas aves como, jaburus, mutuns, jacus, jacutingas, gaviões e araras, que, conforme a cosmologia Umutina, são os portadores das almas de parentes já falecidos. Estas aves são enterradas com as mesmas cerimônias dos enterros de indivíduos Umutina, porém em menor escala.

Os Umutina acreditam na vida da alma, depois da morte. A alma se encarna em animais, de preferência em aves, mas também em mamíferos e até feras como a onça.

Naquela época, a aldeia consistia de apenas três a cinco casas, localizadas na faixa de mata, não muito longe do rio, em lugar alto e seco e sempre perto de uma água limpa e fresca. As casas eram separadas umas das outras por uma distância entre cem e trezentos metros, cobertas de palhas. Embora construídas pelos homens, as casas era de propriedade das mulheres. Em cada casa viviam várias famílias. Os rapazes solteiros moravam com os pais e quando casavam passavam a morar na casa das esposas.

Shultz afirma (1953) “ao todo só existem vinte e três índios na aldeia, dos quais quatorze habitam o rancho grande”.

Os Umutina cultivavam uma vasta plantação de diversos tipos como a mandioca mansa e brava, milho, batata doce, inhame, cará, feijão fava e feijão miúdo, abóbora, melancia, pimenta, algodão, arroz e banana. A base da alimentação era o milho, que transformam em beijus, mingaus, milho assado ou cozido e chicha não fermentada. A mata lhes fornecia frutos, tubérculos, cogumelos e mel de abelhas silvestres.

Praticavam a pesca do timbó no período da estação da seca. A pesca, entretanto, continua sendo de grande importância. Desconheciam o preparo de armadilhas, barragens ou redes grandes. Para a pesca de rio utilizavam unicamente de arco e flechas, em cujo manejo são mestres. Nos numerosos lagos pescavam com o cipó-timbó.

Não consumiam bebidas fermentadas e desconheciam o tabaco, seja para fumar ou como rapé. Chegavam a detestar o seu uso. Segundo o autor, não havia narcóticos entre eles.

As histórias e mitos eram contados para as criança, geralmente por uma anciã, sentada na esteira, sendo essa reconhecida como a melhor contadora de historias da aldeia. Ainda hoje numerosos mitos explicam a origem dos rios, dos peixes, de diversos animais, dos produtos da lavoura e das doenças.

No início da estação das chuvas, por ocasião do milho verde, começavam a preparação da grande festa mortuária, denominada *Adoê* e que durava de cinco a seis semanas, envolvendo dezoito danças-rituais.

Derrubavam um trecho dentro da mata e preparavam um terreiro de cerca de 25 por 35 metros. Construíam uma casa de palha, chamada *Zari* destinada a "albergar os espíritos dos antepassados convidados"(SCHULTZ, 1953). Esta casa era proibida às mulheres. Os homens preparavam nela as indumentárias de dança.

Só participavam das danças-rituais os indígenas que assistiam os funerais de um parente, no último ciclo anual. Durante os festejos, os protagonistas das danças representavam ou encarnavam um ou vários espíritos de parentes.

Cada dança tinha um nome. Cânticos, adornos e coreografia variavam sempre. Para o preparo das indumentárias usavam somente palha da palmeira buriti. De mesmo material eram também confeccionadas esteiras pelas mulheres da família responsável pelo ritual.

Algumas danças eram dedicadas aos espíritos protetores da caça, pesca, lavoura e outros, que veneravam como ancestrais. Estes rituais eram dirigidos por um chefe.

Analisando os fatos que ocorreram na história dos Umutina, apesar da tragédia lastimável que decorreu do contato com a sociedade colonizadora, o povo Umutina conquistou grande avanço, teve sabedoria e estratégias para sobreviver após o processo de colonização devastadora. Nas décadas de 1943 a 1945 eram somente 23 indígenas que resistiram ao contato. Hoje a população vem aumentando, totalizando cerca de 480 pessoas. Este aumento é significativo para um povo que no passado teve o registro de ter chegado a apenas 23 pessoas.

Vale ressaltar ainda a importância do registro de Harold Shultz, relativo aos 23 Umutina da aldeia, que resistiram ao contato, mantendo e cultivando a sua cultura. Harold Shultz não menciona de forma precisa quantos indivíduos Umutina viviam no Posto Fraternidade, mas é relevante destacar também que

havia vários Umutina ali, que tendo ficado órfãos foram habitar, conviver ser criados e educados por funcionários do SPI. Essas pessoas tiveram papel importante nesse processo histórico para a continuidade de novas gerações dos Umutina.

Após o contato com a sociedade envolvente, devido a casamentos interétnicos, proibição da língua materna e política integracionista imposta pelo SPI, esses indígenas passaram por um processo de perda da cultura desenvolvida por seus antepassados.

Atualmente o povo Umutina passa por um processo de revitalização de práticas e costumes tradicionais desenvolvidos por seus ancestrais e vêm ressignificando vários aspectos culturais adormecidos, como as danças, os resguardos, os rituais e outros. A língua materna se tornou matéria obrigatória na escola da aldeia e está sendo repassada através dos velhos que ainda estão vivos.

2.3. A convivência e autodenominação dos Umutina

Conforme relato da professora Maria Alice de Souza Kupudunepá, nos anos 1990, teve início a discussão com relação à cultura. Na época tinham anciões, tanto Paresi como Umutina, dentre eles a finada Kazacaru e o Jula Pará, ambos Umutina, o finado senhor Pedrinho e o Antonio Paresi, que começaram a discutir e enfrentarem conflitos entre si sobre que cultura ensinar às crianças. Nesse período, o cacique da aldeia era o senhor Joaquim Kupodonepá e o chefe do posto era o senhor Juscelino.

Alguns dos mais velhos começaram a ensinar a dança do povo Paresi, o Bate Pé, e diante dessa situação houve, brigas, conflitos internos entre os Paresi e os Umutina. Na época, havia somente dois professores indígenas, que colocaram para a comunidade a necessidade de uma reflexão em relação à cultura das etnias que ali residiam, e que se encontravam num momento de entrelaço cultural. A comunidade é quem deveria decidir.

Os grupos maiores eram compostos pelos Paresi e Umutina. Vale também lembrar que havia um grande número de casamentos interétnicos entre eles.

Foram realizadas várias reuniões na comunidade, o povo teria que entrar em consenso. Ao final, a comunidade decidiu que, a partir daquele momento, os que morassem e nascessem ali, seriam considerados Umutina, afinal era a cultura Umutina que estava mais ameaçada. Também tradicionalmente aquele era o lugar de origem do povo Umutina, que ainda constituía a maioria étnica na aldeia. A esse processo de pactuação quanto à autodenominação e afirmação cultural passou-se a chamar de Unificação dos Umutina.

Nesse contexto, o senhor Luís, como cacique, foi importante nessa discussão. Ele era aberto e compreensivo a essa questão. Após a Unificação Umutina houve, conseqüentemente, uma maior abertura ao diálogo para ensinar a cultura dos Umutina na escola. O senhor Jula Paré dizia: “a cultura é muito sagrada”.

A partir desse acordo foi possível amenizar os conflitos. Essa discussão sobre a cultura foi consolidada no ano de 1995. As lideranças tiveram um papel importante, sabendo conduzir com sabedoria esse processo de convivência.

Edna Monzilar relatou que essa questão referente aos conflitos culturais se deu a partir do momento em que novos Paresi chegaram para residir na aldeia, o que gerou discussão e brigas - ou seja, teve impacto tanto na escola quanto na comunidade. Uns queriam que fossem ensinados aspectos culturais das diversas etnias presentes na aldeia, até o momento em que todos concordaram ensinar a língua Umutina, numa estratégia de afirmação cultural desse povo. Entraram em consenso para praticar e ensinar a cultura Umutina. Esse acordo aconteceu entre os anos 1990 e 1995.

Analisando os relatos, esse foi um marco na história Umutina, momento importante para a autoafirmação e fortalecimento da identidade dos Umutina enquanto povo, cuja cultura estava adormecida e, após acordo firmado, pôde

revitalizar importantes processos culturais que estão na memória dos seus anciões e que são muito importantes para a sobrevivência cultural do povo. Outro fato importante foi os anciões terem começado a transmitir e ensinar a língua Umutina para as novas gerações serem conhecedoras da tradição do povo Umutina.

Os saberes culturais começaram a fluir e serem ensinados pelos anciões da época, que são detentores desse conhecimento. Eles foram para a escola ensinar a língua materna, contar as histórias e mitos, a confecção de artesanatos, a dança dentre outros. Este processo foi fundamental para o povo se reorganizar e reafirmar a sua identidade cultural.

2.4 Meios de vida

Historicamente, os Umutina cultivam a roça para a sua sobrevivência. A roça foi e é a principal fonte de alimentação. Numerosas capoeiras cobertas de vegetação densa de capim sapé, encontradas ao longo do rio Paraguai, desde o Sepotuba, até os rios dos Bugres davam prova das grandes dimensões das roças Umutina, conforme a descrição de Schultz (1962). O roçado era feito todos os anos em novos trechos da mata virgem. Isso motivava a mudança das casas de moradia que se construía a certa distância, para facilitar o transporte dos produtos.

As derrubadas eram feitas em plena estação seca e o plantio um pouco antes das primeiras chuvas. O trabalho de preparação do roçado era da responsabilidade masculina. As roças apesar de serem preparadas pelo homem eram de propriedade da mulher. Antigamente os Umutina usavam nos trabalhos da lavoura o machado de pedra (*pálo-tóri*), o tacape-espada (*ádo*) e o pau-de-cavar (*tápo*) (SCHULTZ, 1960). Alguns desses instrumentos foram substituídos a partir do contato pelo machado de aço, o facão e a enxada.

Os Umutina cultivavam numerosas plantas como milhos de várias qualidades; mandioca brava e mandioca mansa (ou aipim), mandioca-cipó; feijão-fava, feijão miúdo; cará; batata doce; abóbora; cabaça pequena e cabaças grandes; pimenta; urucum e algodão.

As plantas úteis que foram introduzidas após o contato passaram a ser cultivadas pelos indígenas dentre elas: banana, arroz, cana-de-açúcar, melancia, manga, limão e mamão. O alimento da roça mais importante era o milho (*umataká*), que constituía a base da alimentação e de grande significado nos rituais. A colheita era realizada pelas famílias em trabalho conjunto.

Depois da roça, a pesca era a fonte de alimento mais importante dos Umutina. Pescava-se com arco e a flecha e com timbó. A pesca era realizada no tempo da seca e frequentemente com a seiva do cipó timbó, em lagos e córregos próximos. Antigamente iam numerosos Umutina, ou seja, todos participavam da pesca, permanecendo durante vários dias na beira dos lagos e córregos. Assim que se deu o contato com os colonizadores, foram introduzidos outros instrumentos para a pesca como o anzol outros apetrechos.

O povo Umutina sofreu grandes transformações, em todos os aspectos sociais e culturais, no convívio com os colonizadores. Ameaças e castigos também lhes foram aplicados para que deixassem de exercitar sua cultura, rituais e a própria língua, para assimilar e se socializarem à cultura da sociedade envolvente. Essas mudanças também provocaram uma significativa diminuição das práticas produtivas tradicionais.

O território Umutina era e ainda é rico em poaia. Após a consolidação do contato, o povo Umutina passou a extrair e comercializar a poaia. Antes de eles partirem para a extração da poaia, no entanto, os homens já deixavam a roça plantada para as mulheres e os filhos menores cuidarem, pois era dali que vinham os alimentos para a subsistência. O dinheiro que conseguiam com a venda da poaia era para comprar remédios, roupas, entre outros itens que não produziam.

Em entrevista, o Sr. Antônio Apodonepá (2011) relata como eram as estratégias de sobrevivência dos Umutina no passado. Quando ele era criança não havia roça, tudo começou com o primeiro chefe de posto, Otaviano Calmon, no ano de 1940. A primeira roça foi feita onde é o atual campo de futebol da aldeia. Eram plantados apenas arroz e feijão. Na mesma época começaram também a criar gado, cerca de 2.000 cabeças, de onde tiravam leite e repartiam para toda a comunidade. Também matavam gado e moqueavam para comer na roça, enquanto trabalhavam. Os produtos que

vinham de Cuiabá para a utilização nos trabalhos da roça eram: roupas, botinas, agasalhos, facão, foice e o sal para alimentar o gado. Acrescentou também que quando morava na Cachoeirinha (uma antiga aldeia) plantava arroz, mandioca, milho, banana, cana, abacaxi e criava galinha e porco. Vendia apenas farinha e rapadura de cana para comprar sal, sabão, roupas e cobertores que eram necessários comprar.

A Aldeia Umutina, nas décadas de 1950 e 1960, vendia seus produtos na cidade de Barra do Bugres, no armazém de Joaquim Mariano de Miranda e José Ourives e Jozino Prado. Os produtos vinham em grande parte da roça: arroz, banana, além de gordura de porco, pele de animais silvestres e poaia. Na década de 1980 começa a pesca predatória, com a entrada de turistas e pescadores de fora. No ano 2000, a venda de palmito ilegal também cresce na região.

Hoje, a aldeia Umutina está enfrentando dificuldades para a geração de renda. Os relatos colhidos junto aos moradores mais antigos mostram como o meio de sustento do povo Umutina foi mudando ao longo dos anos, com perdas e influências da sociedade não-indígena. Conhecer essa história ajuda a compreender melhor os desafios da atualidade, bem como a discutir em conjunto formas alternativas de sustentabilidade para o povo Umutina, para que a sua cultura possa se manter viva para as gerações futuras.

2.5 A Terra Indígena Umutina

O Território Indígena Umutina está localizado no médio norte do estado de Mato Grosso – MT, a 15 km do município de Barra do Bugres. A extensão da TI é de 28.120 hectares. Tem o formato de uma ilha fluvial, tendo à direita o rio Xopô (Bugres) e a esquerda o rio Laripô (Paraguai). No seu entorno encontram-se fazendas, plantações de cana, criações de gado e, na cabeceira do rio Paraguai, uma localidade em que há muito tempo funcionou um garimpo.

A TI Umutina já está demarcada. O processo foi efetuado em 24 de abril de 1960 e registrado no cartório do município de Rosário D'Oeste - MT. Reconhecida por meio do Decreto Estadual nº 385 de 06/04/1915, os Umutina só receberam o título definitivo da terra pelo estado de Mato Grosso em abril de

1960, através do registro nº 4.021, no Cartório do 1º ofício Comarca de Rosário Oeste - MT, com o nome de Posto Indígena Umutina (arquivo FUNAI).

Segundo informação de Adão Táxi, ele e seu pai participaram e acompanharam a demarcação da Terra Umutina. A primeira demarcação foi realizada por Ramis Bocai, funcionário do SPI. O instrumento usado na época para a medição foi uma corrente, na beira dos rio Bugres e Paraguai. Nessa demarcação tinha indígena acompanhando, mas em seu depoimento, Adão Táxi não cita seus nomes, diz apenas que entre os indígenas estavam alguns não-indígenas: Julio Mendes e Mário Mendes, esses eram picadeiros e Euclides Farias o agrimensor.

A Terra Indígena Umutina na primeira demarcação foi de 28.625 ha, depois fizeram outra, agora por via satélite com o total de 24.628 ha – dado atual. Note-se que os Umutina perderam nessa nova demarcação 4.000 ha. Algumas pessoas que vivem na Aldeia Umutina afirmam que o SPI vendeu essa diferença. A divisa do lado do rio Paraguai é feita com um marco (feito de concreto), que está situado na barra do córrego Maxipopare (nome dado pelos Umutina) e, do lado do rio dos Bugres, fica à margem do córrego Passa Três.

Mapa 1 - Terra Indígena Umutina, Mato Grosso



Fonte: FUNAI.

A área da TI Umutina abriga 10.600 ha de matas de galerias; 12.000 ha cerrado; 3.000ha de pantanais. É uma região, do ponto de vista fluvial, excelente, com muitos rios. Parte da reserva fica inundada nos períodos de dezembro a abril - cerca de 11.000 ha.

A biodiversidade da TI é muito rica, com várias espécies de fauna e flora, com destaque para a onça pintada, onça parda, jaguatirica, gato do mato, anta, caxinguelê, capivara, paca, cutia, porco-queixada, caititu, veado, lontra, ariranha, macacos, tatu, tamanduá e outros, bem como um conjunto de espécies de vegetação.

Parte do território encontra-se com os recursos naturais existentes preservados, pois somente na terra indígena é que estão concentrados vários

microssistemas, sendo que o entorno da mesma está completamente tomado por fazendas, pastagens e plantações de cana entre outras.

O Território Indígena Umutina é rico em recursos naturais, importante e essencial, pois é através dele que o povo Umutina retira o seu sustento para viver e estabelecer suas relações sociais e culturais, ou seja, a terra é fundamental para manter viva a cultura.

O povo Umutina vive em uma única aldeia protegida pelo Rio Paraguai. Para ter acesso é necessário atravessar o rio em pequenas embarcações ou em uma grande balsa.

Mapa 2 - Localização da Aldeia Umutina



Fonte: Funai

A população atual são 480 pessoas, sendo a maioria crianças, jovens e adultos. É composta por oito etnias: Paresi, Nambikwara, Irantxe, Bororo, Kayabi, Bakairi, Terena e Umutina as quais se autodenominam como Umutina,

devido à elevada miscigenação que há entre elas. Também os casamentos entre indígenas e não-indígenas que vem aumentando.

2.6 O presente Umutina

Muitas famílias Umutina hoje seguem cultivando roças de toco e participam de uma roça comunitária mecanizada. O trabalho da roça é masculino, mas às vezes acompanhado pelas mulheres. São cultivados diversos tipos de alimentos: arroz, feijão, milho, banana, mandioca, cará, batata doce, abóbora, melancia e cana-de-açúcar. São também cultivadas frutas cítricas e algumas hortaliças no quintal de cada família, onde cada um é responsável por sua plantação. Além dos cultivos, o povo pratica a coleta de frutos silvestres.

Essas famílias cultivam a roça, plantam e colhem, utilizando as técnicas e conhecimentos tradicionais. Produzem os alimentos para a subsistência familiar e os excedentes são comercializados. A terra é de boa qualidade e proporciona todos os tipos de alimentos e nas roças não são aplicados de produtos agrotóxicos.

A atividade de subsistência das famílias é a prática e o cultivo de agricultura, pecuária, caça, pesca e a confecção de artesanato. A base econômica da população constitui-se também do extrativismo de palmitos, da pescaria e da venda de artesanatos que são confeccionados mais pelas mulheres, mas os homens também fazem em pequena escala.

Na aldeia há vários aposentados, pensionistas, beneficiários do programa Bolsa Família, além dos funcionários da FUNAI, prefeitura, FUNASA, ONGs, professores municipais e estaduais.

A aldeia Umutina está estruturada da seguinte maneira: há um cacique, um coordenador técnico local (chefe de posto), lideranças, profissionais de saúde, professores, associação, conselhos, pastoral da criança e comunidade.

Os Umutina têm sua própria cosmologia religiosa, com suas próprias formas de explicar os fenômenos naturais e sobrenaturais. A partir do contato houve uma ruptura na cultura e na vida social desse povo, com a entrada da religião do não-indígena. A primeira religião introduzida na aldeia foi a católica, seguida pela protestante (Igreja Internacional da Graça de Deus e Assembleia

de Deus). A introdução dessas religiões influenciou a vida cultural dos Umutina causando um grande impacto.

A aldeia central possui um formato retangular, com as casas distribuídas uma do lado da outra. Porém, com o crescimento da população, novas moradias foram construídas nas proximidades, devido à aglomeração de pessoas, vêm surgindo também novas aldeias. Há casas de pau-a-pique com cobertura de palha, alvenaria bem como casas de madeira (tabuá) com cobertura de telha de barro, eternit e palha. O tamanho e a forma de cada moradia é uma particularidade de cada família, não há nenhuma regra quanto a essa decisão. Apenas as estruturas administrativas são discutidas.

Não obstante, muitas famílias Umutina mantêm suas práticas tradicionais de cultivo e pesca, os hábitos alimentares na aldeia têm sido bastante modificados nos últimos anos. De acordo com Januário *et al.* (2010), têm sido introduzidos na dieta Umutina alimentos altamente calóricos e ricos em açúcares como: refrigerante, salgadinhos industrializados, pães, pizzas, doces, bolachas recheadas, entre outros, o que contribui significativamente para o aparecimento de doenças decorrentes da má alimentação, como a hipertensão, diabetes e obesidade.

Essas mudanças se deram após o contato e a convivência com os colonizadores, quando os Umutina passaram a viver conforme a cultura da sociedade envolvente, em todos os aspectos, inclusive alimentares.

A alimentação do povo Umutina sempre foi composta de produtos coletados da natureza como exemplo; fruto, caça, pesca e cultivo etc. O povo Umutina sempre viveu em harmonia com a natureza, pois tudo para sua alimentação era extraída dela, no seu dia a dia e nas festas tradicionais, com a chegada dos não-índios, no ano de 1911 e consolidou em 1912, quando o Marechal Cândido Mariano Rondon, passava por aqui estava fazendo Ramal, ou seja, linha telegráfica para Afonso, hoje São Afonso. (MONZILAR, *et al* 2006, p. 8).

Foi a partir do contato que rituais, como o culto aos mortos (*Adoê*), foram sendo gradualmente deixados de lado. Esse ritual acontecia na temporada de amadurecimento do milho e era composto de várias cerimônias, em que ficavam evidentes as relações entre os ciclos sociais e produtivos entre os Umutina, a interdependência entre homem e natureza e muitos conhecimentos tradicionais eram compartilhados socialmente entre homens, mulheres, crianças, jovens e adultos.

A constante e crescente imposição, inclusive por meio de castigos, para que os Umutina deixassem de praticar a sua própria cultura, a língua e as suas crenças, para viver conforme os costumes da sociedade colonizadora, afetou também os padrões produtivos e alimentares desse povo. As mudanças na alimentação, com a crescente incorporação de produtos industrializados na dieta alimentar, tem como consequência e já mencionado o aumento e surgimento de novas doenças. Além disso, pratos tradicionais, consumidos pelos antepassados Umutina, foram pouco a pouco sendo substituídos por produtos enlatados, massas, gorduras doces, biscoitos, refrigerantes.

Algumas famílias Umutina ainda praticam o peixe assado, as caças moqueadas e o *jolorukwá* (bebida de arroz ou de milho), embora não sejam mais preparados como no passado.

Outro fator é que moramos próximas à cidade o que facilita o acesso, e de maneira direta ou indireta acaba interferindo na alimentação. Os meios de comunicações e eletrodoméstico, como por exemplo; muitos produtos industrializados são induzidos através dos meios de comunicações e a geladeira, facilita para que o povo venha modificando os seus hábitos alimentares, aliados à grande quantidade de produtos que são ofertados na vida urbana (MONZILAR, 2010).

2.7 O papel da mulher na busca pela sustentabilidade Umutina

A presença da mulher é constatada em várias atividades das famílias Umutina: na prática e no cultivo de agricultura, pecuária, pesca e na confecção de artesanatos. Nesse sentido, o papel da mulher Umutina, é essencial para produzir, multiplicar e desenvolver os saberes tradicionais para as gerações futuras e principalmente na convivência social da comunidade.

As mulheres começaram a discutir e refletir sobre a cultura, preocupadas com a competitividade do mercado do artesanato, de como em buscar alternativas. Então, se reuniram e organizaram internamente para articularem-se em relação às questões sociais, econômicas e culturais.

A prática da atividade do artesanato é uma fonte de renda que ajuda as famílias. Por isso, as mulheres não deixam de praticar essa atividade, tendo-a

como forte aliada na manutenção da cultura. Os artesanato produzido é confeccionado rotineiramente pelas mulheres artesãs, não tendo somente uma visão de mercado, mas sendo também forte expressão cultural.

A mulher Umutina, juntamente com o seu parceiro, tem também papel fundamental nos processos de transmissão da cultura tradicional Umutina. A educação tradicional sempre foi baseada na transmissão de conhecimentos e práticas de pais para filhos, ou seja, de geração em geração através da oralidade e de exemplos na convivência cotidiana, como a linguagem, os cantos, as danças, o trabalho na roça, a confecção de artesanatos de barro e de palha. As histórias e mitos são transmitidos através da oralidade pelos anciões e as criança ouvem com atenção.

De acordo com Shultz (1953) normalmente os grupos de famílias pareciam antes governados, ou melhor, orientados por uma "índia velha". Ao lado desta, no maior grupo familiar, havia um indígena respeitado e cuja opinião era geralmente acatada. Shultz afirmava ainda que obedeciam a um chefe somente em tempos de guerra.

É importante pontuar as iniciativas que foram realizadas na aldeia Umutina, na busca pela sustentabilidade através da Associação de Mulheres Indígenas Otoparé, com o objetivo de ajudar a implementar ações sociais e contribuir para o bem estar da comunidade. As ações desenvolvidas pela Associação Otoparé baseiam-se em projetos de valorização de jóias tradicionais, de organização das mulheres em encontros, cursos de artesanatos, aproveitamento de madeira, panificação e outros. Os artesanatos que são confeccionados de diferentes formas é uma prática constante das valentes e sábias mulheres Umutina.

O manejo e utilização de diferentes sementes e palmeiras encontradas em nosso território é uma das formas de valorizar e fortalecer os artesanatos que são confeccionados, aprimorando as novas jóias e artefatos que são feitos como cintos, brincos, tiaras colares, bichinhos, porta lápis e canetas, esteiras, abanador, cestarias, saias, peneiras e outras peças que fazem parte em rituais e que são importantes para o fortalecimento do acervo cultural e tradicional Umutina.

Todas as matérias-primas são fornecidas pela própria natureza e o território é rico nesses elementos que são imprescindíveis para manter a cultura. Para os Umutina tudo está em constante movimento e interagindo: natureza, plantas, animais, dentre outros e esta baseada na histórias dos antepassados e, desse modo, precisa ser valorizado e protegido.

As atividades, os cursos que foram trabalhados e desenvolvidos pelas mulheres da Associação Otoparé foram pensados na valorização das expressões culturais do povo Umutina na questão do artesanato, em adornos para as festas tradicionais bem como interagindo em outros aspectos como alimentação tradicional e ambiental para o espaço territorial. Diante do exposto a Associação Otoparé contribui na renda familiar, bem como divulgando a cultura e fortalecendo a identidade cultural do povo.

As mulheres da Associação Otopare se reúnem em grupos para em conjunto discutir os problemas, os avanços e os desafios que vivenciam frente à realidade do mundo globalizado. Não deixam de praticar a confecção de artesanato, refletem sobre a cultura, tendo uma visão de fortalecimento dos rituais sagrados, uma forma de reviver os saberes dos nossos antepassados.

Teve-se grande avanço na vida da comunidade, as atividades desenvolvidas contribuem para a valorização e fortalecimento das expressões culturais, na espiritualidade, melhorando a qualidade de vida da comunidade, bem como sendo aperfeiçoados e enriquecidos os conhecimentos tradicionais do povo.

CAPÍTULO 3

ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA

A realização desta pesquisa foi baseada em oficinas, atividades de campo, apresentação do trabalho para a comunidade com os jovens da Escola Indígena Jula Pará, na aldeia Umutina.

As atividades desenvolvidas foram: o levantamento de informações em fontes primárias, por meio do diálogo com os anciões da aldeia sobre conhecimentos tradicionais (cosmologia indígena, medicina tradicional e cultura e natureza), mas também o levantamento de informações em fontes secundárias.

A proposta das oficinas surgiu a partir de um diálogo com os jovens da escola Jula Pare, em 2011, discutindo os problemas e os desafios relacionados aos conhecimentos tradicionais e sua relação com a cosmologia Umutina. Também como a juventude percebe esses aspectos na atualidade, a relação entre cultura e natureza, as crenças Umutina, a sua interação com esses elementos, os remédios tradicionais que estão sendo menos consumidos na comunidade. Afinal, constata-se uma grande mudança em relação aos aspectos culturais do povo Umutina nas últimas décadas. Os próprios jovens, então, manifestaram o interesse de conhecer, aprender e valorizar os conhecimentos tradicionais, sendo multiplicadores desse saber milenar.

O objetivo da atividade com os jovens foi, portanto, despertar e valorizar o espaço geográfico e o conhecimento tradicional. Registrar e transmitir para os jovens da comunidade como é importante saber, conhecer, respeitar e estar em contato com a natureza, enfatizando os eixos essenciais: escutar, perceber, falar e transmitir.

Houve a participação de todos os jovens nesse processo - ou seja, cerca de setenta jovens, que são estudantes da Escola Indígena Jula Pará. A dinâmica desenvolvida foi a seguinte: introdução aos temas que seriam trabalhados e pesquisados, caminhada ecológica, círculo de diálogos, em que todos os jovens expressavam seus sentimentos e, por fim, a observação em visitas *in loco*. Posteriormente, fora realizadas entrevistas com as pessoas mais

velhas da comunidade. Abaixo, segue descrito o trabalho realizado, passo a passo.



Foto 1 - Círculo de diálogo com os jovens estudantes. Foto da autora, 2011.

Primeiro passo: o trabalho teve início com a caminhada nas matas da nossa aldeia, no dia 02 de setembro de 2011, com o seguinte tema: "Trilha na mata: a Natureza", seguindo a mesma trilha de um evento realizado em julho do mesmo ano, "O circuito Umutina". Com a caminhada ecológica os jovens observaram e sentiram a importância dessas vivências com a natureza no nosso cotidiano. Os temas geradores da caminhada foram: Medicina Tradicional, Cosmologia Indígena e Cultura e Natureza.



Foto 2 - Caminhada ecológica. Foto da autora, 2011.



Foto 3 - Professor explicando sobre os remédios. Foto da autora, 2011.



Foto 4 - Caminhando na mata. Foto da autora, 2011.

Segundo passo: os temas foram então distribuídos para cada turma do Ensino Médio. O 1º ano, Medicina Tradicional; 2º ano, Cultura e Natureza; 3º ano, Cosmologia Indígena.



Foto 5 - Jovens e professores da escola Jula Pará. Foto da autora, 2011.

Terceiro passo: ofereceu-se aos estudantes uma explicação do trabalho de pesquisa, em um círculo de diálogo com os jovens. O trabalho teve a participação de pessoas mais velhas da nossa comunidade, por meio de entrevistas, diálogos, aprendizagem sobre preparação das ervas medicinais, as histórias e mudanças que ocorreram ao longo dos anos. As visitas ocorreram em trechos da mata para conhecer as ervas, bem como às nascentes e aonde deságua o rio que fica dentro do território Umutina.



Foto 6 - Conversando com uma liderança. Foto da autora, 2011.



Foto 7 - Contando histórias para as jovens. Foto produzida por estudante do Ensino Médio da Escola Indígena Jula Paré, 2011.



Foto 8 (a, b, c e d) - Remédios tradicionais (Pau D'Oleo, Bananeira, Jatobá, Dipirona). Fotos produzidas por estudante do Ensino Médio da Escola Indígena Jula Paré, 2011.

Quarto passo: apresentação e socialização da atividade de pesquisa para os demais estudantes do Ensino Fundamental, pais e para a comunidade em geral. Cada turma explicou o tema desenvolvido e relacionado à medicina tradicional, amostra dos remédios que foram preparados, a cultura e a natureza, como os Umutina viveram neste ambiente utilizando e interagindo, a cosmologia indígena como os antigos pensavam em relação a essa questão e a concepção dos jovens na atualidade. “Com isso aprendemos e conhecemos um pouco da cosmologia do nosso povo, de como eles acreditavam muito

antigamente e hoje isso não é preservado mais por muitos jovens da nossa comunidade”, disse um dos estudantes.



Foto 9 -Oficina sobre ervas medicinais. Foto da autora, 2011.



Foto 10 - Apresentação dos resultados da pesquisa-ação para a comunidade. Foto da autora, 2011.



Foto 11 - Apresentação dos resultados da pesquisa-ação para a turma. Foto da autora, 2011.

Por fim, a etapa de socialização dos resultados da pesquisa contou também com a participação de lideranças, cacique e membro da comunidade, que fizeram suas considerações. De acordo com eles, é grande a importância do trabalho realizado, para que esse conhecimento seja transmitido (o conhecimento tradicional Umutina) para as novas gerações e demais pessoas da comunidade.



Foto 12 - Participação das pessoas que foram entrevistadas. Foto da autora, 2011.



Foto 13 - Participação das lideranças e equipe de saúde. Foto de Edna Monzilar, 2011.



Foto 14 - Oficina entre os jovens. Foto da autora, 2011.

3.1 Plantas medicinais e conhecimentos tradicionais Umutina

Segundo os jovens, por meio do diálogo com os mais velhos, eles aprenderam e conheceram sobre a cosmologia Umutina e sobre o cotidiano e as práticas de seu povo. Com as mudanças que ocorreram nas últimas décadas, muitas dessas práticas não têm sido mantidas pela comunidade. "A cada dia que passa vai acabando esse 'acreditar' nas coisas sobrenaturais, por parte dos jovens, que não levam a sério as coisas que acontecem dentro e fora da natureza", disse um dos estudantes. "Adquirimos mais conhecimentos, o

trabalho me fez interagir com nossos anciões, nos envolveu com a natureza e sua medicina natural, as historia, enfim reviver a cultura" acrescentou outra estudante da equipe de pesquisa.

"Vimos que é necessário trabalhar isso na comunidade escolar e também os pais estarem ajudando, contribuindo com os seus conhecimentos dentro e fora da escola para que as futuras gerações cresçam ouvindo histórias e as respeitando", destacou Edna Monzilar, professora da Escola Jula Paré.



Foto 15 - Jovens visitando a casa de senhora Leontina. Foto produzida por estudante do Ensino Médio da Escola Indígena Jula Paré, 2011.

Os resultados alcançados com a pesquisa-ação realizada parecem mesmo indicar que é preciso trabalhar mais os conhecimentos tradicionais dentro do espaço escolar e no espaço externo da aldeia. Muitos dos relatos oferecidos pelos estudantes ao final reforçam essa leitura, como se pode ver abaixo:

Os jovens devem levar mais a sério, porque isso faz parte da nossa cultura e que as gerações futuras possam saber da nossa historia e para mostrar para as pessoas mais velhas que os jovens são interessados com a cultura e história do povo Umutina.

Obteve-se o conhecimento mais aprofundado sobre a história do nosso povo, principalmente a 'espiritualidade e crença dos Umutina', bem como aprender a fazer remédios que eu não sabia e vi o quanto é importante preservarmos as nossas cabeceiras (nascentes dos rios). Em relação à espiritualidade e as crenças também foi relevante para o grupo saber dos fatos, as histórias tristes do nosso povo, acontecimentos agradáveis e desagradáveis.

Com relação aos remédios tradicionais, pudemos aprender e conhecer os remédios que antes não conhecíamos; saber como prepará-los, isso ajuda para que não se perca o nosso costume cultural (Depoimentos de estudantes indígenas).

No passado, o povo Umutina se valia mais de seus conhecimentos tradicionais. O senhor Antônio Uapodonepá nos relatou: “os remédios tradicionais eram muito usados pelos antigos índios Umutina” (entrevista realizada em novembro de 2011). Após o contato com os não-índigenas (wassy), foram trazidos vários objetos estranhos à cultura indígena e com eles os remédios farmacêuticos.



Foto 16 - Jovens e ancião Umutina. Foto produzida por estudante do Ensino Médio da Escola Indígena Jula Paré, 2011.

Segundo a senhora Simone Tan Huare, hoje em dia, 90% da população Umutina procura mais a farmácia, 10% ainda usa os remédios tradicionais da nossa mata. "É importante realizar oficinas de remédios tradicionais para que os jovens conheçam os remédios de nossa mata e que transmitam para as novas gerações, para que não permaneça no passado", destacou ela.



Fotos 17 - Jovens no posto de saúde da aldeia. Foto produzida por estudante do Ensino Médio da Escola Indígena Jula Pará, 2011.

Para os jovens é importante aprender o conhecimento tradicional do povo Umutina, trazendo a participação dos mais velhos, pois compreendem que os mesmos são bibliotecas vivas de nossa história para manter a cultura.

Foi impressionante e muito significativo para nós, pois conversamos com as pessoas mais experientes da nossa comunidade, nos falaram os nomes e as variedades das plantas medicinais que existem nas matas, na aldeia e nos explicaram como usar, tirar e fazer a preparação dos remédios caseiros e a forma certa que devemos usar as plantas medicinais (Depoimento de estudante indígena).

É fundamental para nós professores e estudantes poder observar que as nossas matas são como uma farmácia cheia de remédios naturais, que nós não conhecemos. Através deste estudo foi possível conhecer remédios e também a importância deles para nossa vida. Descobrimos que não basta só conhecer, mas colocar em prática tudo aquilo que aprendemos. Abaixo, segue depoimento de um dos estudantes, reforçando a importância do trabalho para a continuidade dos saberes e fazeres tradicionais Umutina:

Fortalece os nossos conhecimentos, tudo o que não sabíamos e nem utilizávamos fazendo com que as plantas medicinais não caiam no esquecimento, e nós que somos as gerações do agora e amanhã não deixarmos morrer porque temos uma farmácia com remédios naturais e podemos fazer um bom uso de todos eles.

3.2 Cultura e Natureza na história Umutina

A pesquisa com os jovens, dando ênfase à Cultura e Natureza, visou ao fortalecimento do conhecimento, para as novas gerações serem conhecedoras

da sua história. Através do diálogo, compreenderem como os Umutina se relacionam com a natureza, as famílias que residiram neste lugar, antes deles e de seus pais, bem como as mudanças que ocorreram ao longo dos anos. Alguns lugares de referência mereceram maior atenção na pesquisa, caso da estrada e do rio Dezoito.

De acordo com o relato do senhor Edson Monzilar (entrevista realizada em setembro de 2011) sobre a estrada e o rio Dezoito:

Antigamente tinha uma picada aonde era que os Umutina andavam, que hoje nem existe mais. Depois que os mais velhos que já faleceram saíram La do Posto Velho, perto do rio Bugres, desceram todos para a Humaitá assim foi feito uma picada, que ia parar La no rio Bugres. Como os Umutina não paravam em um só lugar, vieram para cá no ano de 1918 e acabaram encontrando o rio e que por isso se chama rio 18. Antigamente o rio 18 tinha vários poços profundos, cheguei até de ver, curadores entrarem na água para verem ou conversarem com coisas estranhas.



Foto 18 - A pesquisa realizada pelos jovens no rio Dezoito, que deságua no rio Paraguai
Foto produzida por estudante do Ensino Médio da Escola Indígena Jula Paré, 2011.

O Sr. Edson também ressaltou que as casas foram construídas do outro lado do rio, depois que Otaviano Calmon trouxe os Parecis, exatamente no ano de 1920, "foi aí que começaram construir suas casas".

De acordo com senhor Vergílio Monzilar (entrevista realizada em setembro de 2011):

O rio Dezoito tem esse nome devido, que aqui antigamente aqui na passagem tinha 18 pés de buriti, e que hoje tem apenas dois. Antes ninguém tinha parada, sempre mudavam de lugar, então foram lá perto da cabeceira saíram logo de lá porque o povo mais velho, diziam para ele, que antigamente, tarde da noite sempre ouviam

galos cantar, boi berrar, gente conversando. E sempre que acontecia algo estranho eles iam ver com bastante gente, para ver o que era e não viam nada e acabavam saindo dela porque ficavam com medo. Então o povo antigo que já faleceram como Emiliano Calomezoré, Antonio Corezomaé, Jorge Monzilar, dizia que lá acontecia tudo isso porque La tinha ouro. Por isso esse lugar é encantado.

O Sr. Vergílio destacou ainda que as primeiras famílias que moraram do outro lado do rio Dezoito, “foi a família do Senhor Pedro Monzilar, o seu tio, dois anos a três anos, se passaram depois foi a família do senhor Floriano e Valdemar, passado alguns tempos se mudaram para Retiro. Depois que todos foram embora, ficou somente o Senhor Pedro, que morava, onde hoje é a casa do Senhor Edson Monzilar.”

Abaixo, segue também o relato de Luiz Fernando sobre o tema (entrevista realizada em setembro de 2011):

Vou contar o que os avós, os mais velhos contaram, quando criança gostava muito de ouvir histórias, e de ficar sempre junto com os mais velhos, nas festas, nas caças e na roça. Na época não tinha essa aldeia onde atualmente moramos, primeiro, a moradia era no Posto Velho depois foi para Umaitá Velho - era onde antigamente faziam telhas de barro, tijolos, e tudo era feito pelo nosso próprio povo. E a estrada começou, porque antes não tinha carro, trator, era somente carro-de-boi que era utilizado para transportar os materiais e antes a estrada era bem mais estreita que passava mais para cima do cemitério, então devido tudo isso, abriram essa estrada que tem até hoje.

Luiz Fernando ressaltou que seus avós contavam que o rio Dezoito tem esse nome, porque foi encontrado no ano de 1918. Mas também há quem diga que se chama assim porque existiam 18 pés de buritis na passagem. Antigamente esse rio era muito profundo e os Umutina batiam timbó nesse rio, todos os anos, na quinta-feira, no mês de abril, para comer peixe na Sexta-Feira Santa. Associada essa prática de pesca tradicional, há também outra versão para explicar o nome dado ao rio. Assim, de acordo com entrevista realizado com o senhor Lalico (2011):

O rio Dezoito tem esse nome porque encontraram 18 índios batendo timbó no córrego bonito lá na cabeceira. Devemos preservar o nosso rio, que é limpar, não jogar lixo na beira do rio. A estrada foi aberta na época de Otaviano Calmon. As primeiras famílias que morou do outro lado do rio 18, foi à família do senhor Floriano, Pedro Monzilar Senhor Augusto e Valdemar.

Conforme relato da Sra. Carminda Monzilar (entrevista realizada em setembro de 2011):

Antigamente na passagem tinha 18 pés de buritis, e que hoje existem apenas dois pés de buritis. Antigamente os mais velhos diziam que na cabeceira tinha uma Bahia encantada e que os parentes dela os mais velhos, dizia que escutavam animais cantar, como galos, viam zebras, cobras. E tudo acontecia porque na época dos revoltosos, bateu na beira do rio Bugres alguns fugiram com ouros e esses que fugiram fizeram um buraco lá no retiro, colocaram ouro dentro de tacho de barro. E esse ouro acabou ficando enterrado e nunca mais ninguém tirou. É por causa disso que quando chegavam nessa Bahia onde o ouro foi enterrado, os mais velhos viam coisas estranhas. quem contava era o senhor finado Máxipa, ele contava muito sobre essa Bahia. Onde o mesmo morou lá há muito tempo e chegou de ouvir algo estranho.

D. Carminda disse que um das primeiras famílias a morar do outro lado do rio Dezoito foi a família do Senhor Fermino, que depois de algum tempo saiu de lá e foi morar na cidade. Depois, foi a finada Rita e Valdemar que fizeram sua moradia no lugar, seguidos pelo senhor Vergílio e assim por diante.

O senhor Alcir Corezomaé (entrevista realizada em setembro de 2011) relatou:

A história do nosso povo, que não se lembrava o porquê do significado do rio 18, mas podemos proteger o nosso rio, é não derrubar árvore na cabeceira do rio, principalmente pé de buriti e assai, porque são eles que puxa água. Quem morou do outro lado do rio 18, foi à família do Senhor Floriano, Valdemar, Tomé, e a D. Juventina.

Em relação à estrada, com o mesmo nome, essa foi aberta para transportar produtos alimentícios (farinha, milho, arroz etc.) para vender na cidade como forma de sobrevivência, bem como para viajar.



Foto 19 - Nascente do rio Dezoito.
Foto produzida por estudante do Ensino Médio da Escola Indígena Jula Pará, 2011.

Os relatos acima, constituem uma pequena amostra das histórias vivenciadas pelos Umutina, ao longo de sua história. A pesquisa-ação com estudantes do Ensino Médio da Escola Indígena Jula Pará permitiu que essas histórias fossem repassadas à juventude, auxiliando-os a entender as mudanças da atualidade. Para os jovens é uma vivência única, na qual interagiram com os mais velhos, estiveram no local da nascente do rio Dezoito, no ponto em que esse deságua no rio Paraguai. Ao realizar essas atividades, os jovens conheceram e aprenderam a riqueza existentes na aldeia e principalmente a importância de conhecer a história de seu povo.



Foto 20 - Vista panorâmica do Rio Laripo (ou Paraguai). Foto da autora, 2011.

3.3 O vídeo como recurso para registro da cultura Umutina

O registro da pesquisa em vídeo demonstra a vivência dos jovens estudantes Umutina, em torno do tema-nucleador da sustentabilidade no território indígena, considerando as mudanças ocorrida no decorrer dos anos, o cotidiano e busca de estratégias e alternativas para viver, a valorização da cultura e do espaço territorial. O vídeo se constitui, ao mesmo tempo, em fonte de dados para análise e recurso para devolução da pesquisa. Condensa relatos dos indígenas, eventos culturais e atesta a participação efetiva dos jovens da aldeia Umutina no processo. A seguir, passo a comentar trechos do vídeo. Uma transcrição do vídeo também se encontra no Anexo 1, de modo a facilitar a apreciação do leitor/expectador.

3.3.1 Danças e rituais

Todos os rituais e danças do povo Umutina são importantes e têm significado. São uma forma de homenagear e agradecer, pedem força para a natureza e para os espíritos. Algumas danças são oferecidas aos espíritos que são protetores da caça, pesca, lavoura e outros.

Nas danças Katamã, Jekirinó e Mixinosê, somente os homens participam. Já a dança Lorunó é realizada por pares, ou seja, com a participação também da mulher.

O vídeo retrata algumas dessas danças do povo Umutina, executadas pelos jovens, em apresentações e festas da comunidade.

A dança Katamã (ou dança do Martim-Pescador) é dedicada a essa ave, que vive na beira dos rios. De acordo com a mitologia Umutina, Katamã era um indígena que habitava as margens do rio Paraguai, com seus filhos, e foi o criador do arco e da flecha. Durante o ritual do culto aos mortos, a dança chamada Katamã é uma das referências em homenagem a esse herói mítico, que se tornou uma ave e criador de um instrumento muito importante na cultura Umutina. O passo feito durante a dança representa a pescaria do Katamã (Martim-Pescador), na beira do rio, e a música é uma forma de agradecimento ao criador do arco e flecha.

A dança Jekirinó, por sua vez, é dedicada à Andorinha. É uma dança na qual os Umutina fazem referência às andorinhas, as aves que simbolizam a união de um povo. É uma dança praticada apenas por homens. Uma forma de agradecimento à vida, à colheita e à fartura. Na dança da Andorinha é entoada a seguinte música:

Ho, Ho, Ho, Ho...
Hopuhe, hoputohido He
Hihodo, hokido hi...
Hopuhe, hokutu..
Yoko jukuepá... 2X
Yoko jula pare...
Ho, Ho, Ho, Ho...
Yoko, Ho, Ho, Ho
Irokwi... 2X
Toki hi... 2X
Inow... 2X
Mitino, hindoido hodotope
To, Ho, Ho, Ho. 2X

Mitino, hindoido, hinorí, hixori boto
Boto, boto.
How, How,How
Inokohow, Inokohou, Inokohow
How, How,
Hopoymoto, Hopoymoto, Hokotuboto
How, How
Yoko, yoko, yoko
Yoko, yoko...

A dança Mixinose é a dança da esteira velha. É uma da dança considerada sagrada, por isso, as mulheres e crianças não podem participar e nem mesmo assistir à sua execução. Segundo Jula Paré, Mixinosê é o nome dado a uma esteira que é utilizada durante o ritual. É um tipo de herança. Por isso, a esteira é um bem que não pode ser vendido e não pode ser trocado por outra coisa, na cultura Umutina, ela é passada de pai para filho. A Mixinosê é uma dança que pode ser praticada apenas por pessoas mais velhas. A esteira representa o espírito de pessoas já falecidas. Assim, durante o ritual Mixinosê, é entoada uma canção, um tipo de choro, que envolve o nome de um ser natural, que segundo os Umutina também era um indígena: Ari (ou a Lua).

Conforme a mitologia Umutina, a lua era um jovem indígena (Ari) que tentava imitar o seu amigo Mini (Sol) e sempre se dava mal nesse intento. Acabava morrendo, mas ressuscitava quando era enrolado em uma esteira. A morte da Lua deu origem ao ritual chamado Mixinosê, e a esteira se tornou sagrada.

Na visão dos não-indígenas, quando ocorre o eclipse, é simplesmente um fenômeno natural que acontece, mas na cultura Umutina, a Lua é o símbolo de um indígena resistente, o guerreiro da noite e durante o ritual Mixinosê, os Umutina cantam em forma de choro, pedindo que a Lua volte a iluminá-los.

A dança Lorunó, representada por uma máscara de palha de buriti, é uma dança em pares. Assim, conta com a participação mulheres. Durante o ritual, é entoado sons de flautas e, além da máscaram a dança é praticada também com saia, cobrindo quase que o corpo inteiro.

3.3.2 Peles sociais: as pinturas corporais umutina

A pintura corporal, entre os Umutina, tem sempre um significado simbólico, representando formas de animais silvestres, muitos dos quais, peixes, e constituem parte importante da identidade desse povo indígena. A pintura corporal é uma marca específica e demarca no corpo identidade cultural dos Umutina.

A pintura corporal, hoje, se faz mais presente em ocasiões como festas tradicionais, mas também é utilizada no dia-a-dia. Tanto as crianças, quanto os adultos usam a pintura corporal. Os Umutina têm pinturas especificamente masculina e feminina. Uma das pinturas corporais femininas é a pintura da caxara, que é a mais utilizada por mulheres solteiras. A pintura da caxara representa um peixe chamado caxara, abundante no rio Paraguai. Mulheres, jovens e crianças da comunidade se pintam com o grafismo da caxara, nos braços e pernas.

As tintas de que são feitas as pinturas são à base de urucum e jenipapo - sendo mais utilizada a tinta da fruta do jenipapo.

Sobre a pintura corporal masculina, um jovem umutina afirma:

a pintura do braço ela é uma das pinturas que representa os símbolos de todos os peixes. Ela é especificamente para os homens, porque o homem é responsável pelos alimentos, pela alimentação da aldeia e da família. Por ser uma pintura pintada específica para o homem. Segundo também, porque o instrumento de caça, ela foi criada por um bom caçador, o Martim-Pescador que hoje a gente conhece como uma ave.

3.4 Práticas e desafios da produção

De acordo com os relatos dos mais velhos, para a manutenção das práticas produtivas presente hoje na aldeia, é muito importante garantir a transmissão de conhecimentos sobre o manejo e o cultivo tradicional Umutina.

Há muito tempo os Umutina, Paresi e Nambiquara que residiam na aldeia Umutina se reuniram e fizeram uma grande roça. Trabalhavam na lavoura, plantavam vários produtos, que comercializavam nas redondezas.

Conforme a informação do senhor Edson: “Antigamente, nós que sustentava Barra do Bugres através de todos os alimentos”.

As famílias faziam roças, os velhos trabalhavam na lavoura, plantavam mandioca, banana, cana entre outros produtos.

No decorrer dos anos, ocorreram muitas mudanças e parte do povo deixou de fazer a roça. Foram mudanças originadas em fatores externos à sociedade umutina. Hoje, há uma retomada da prática do cultivo da roça - o que é muito importante, pois é um fator de sustentabilidade para as famílias.

Segundo relato (que se encontra no vídeo-registro da pesquisa) do Cacique Lucimar:

A importância de vocês também que são jovens é lutar mais, buscar no trabalho, não só para a comunidade e para a sua própria sustentabilidade e para as suas famílias. Porque hoje vejo a importância de plantar e produzir, porque quase que chegou um tempo que essa nossa mandioca, estava bem dizer acabado, pois ninguém produzia mais, e hoje em dia como mexo com a lavoura agora, a minha tendência é cada vez aumentar mais, produzir mais.

Reafirmando a importância dessas práticas, a senhora Carminda explicou para os jovens a forma de plantar e trabalhar na roça:

Como vocês já derrubaram, já ajudaram a roçar, aí vem o plantio, aí vocês podem plantar, como vocês vão plantar melancia, não pode plantar encima do outro, tem que plantar um longe do outro. A abóbora toma muito espaço da terra e por isso tem que plantar longe da melancia.

Observa-se que as famílias estão praticando cada vez mais esse conhecimento, cultivando e trabalhando no manejo da terra. Plantam diversos produtos, com o objetivo de fortalecer as práticas culturais do povo Umutina. Para os jovens é fundamental dialogar, conhecer, registrar esse trabalho e o saber tradicional que é parte da cultura Umutina.

3.5 O papel da escola na busca por sustentabilidade

As atividades culturais que foram desenvolvidas na comunidade visam o fortalecimento das práticas culturais do povo Umutina, tendo a participação ativa dos jovens e sendo prestigiada pela comunidade. A escola é um espaço importante, no qual se vem realizando um trabalho coletivo de valorização e

fortalecimento da cultura. A festa retratada no vídeo-registro da pesquisa foi realizada na semana do Dia do Índio, em abril de 2012.

Merece destaque o relato do jovem estudante Adevair Amajunepá:

Eu, como aluno do 2º ano, vou falar um pouco sobre a festa que está acontecendo na nossa aldeia, apresentando a minha série do 2º ano. Eu achei muito interessante de estar participando da nossa cultura e prestigiando e participando na preparação das bebidas típicas e na preparação das comidas típicas como o beiju, peixe assado e entre vários outros que estamos servindo aqui, como vocês podem ver. E que contamos com toda a turma do 2º ano que participou e que valeu muito a pena.

Para a senhora Leontina Zaquimaé é gratificante estar participando das atividades culturais, estar contribuindo para que os jovens aprendam e valorizem a cultura. "Tem que prestar atenção aos mais velhos, pois repassam o que aprenderam com os seus pais", destaca ela.

É importante destacar ainda os depoimentos dos jovens do Ensino Médio da Escola Jula Pará, em relação às questões culturais. O jovem Ray Wesley Monzilar disse:

A gente como povo, a gente perde o direito a terra, que o governo ele vê, que um povo merece a terra, só quando ele tem a sua cultura, a sua língua, as suas crenças. Como a gente quase o nosso povo foi quase dizimado. Mesmo assim a gente está conseguindo revitalizar através dos projetos que a escola vem desenvolvendo que são apresentação quase diariamente na escola, a semana cultural, quando a escola de fora vem, a escola está sempre apresentando, mostrando e divulgando a cultura.

Na sequência, a jovem Geniele dos Reis Corezomaé afirma:

Somos da etnia Umutina, moramos na terra indígena Umutina. Somos alunos do 3º ano do ensino médio de 2012. Primeiramente vou falar da importância da escola trás com relação a cultura. A escola vem relacionando muito a cultura, é isso desperta muito, particularmente em mim não só em mim em todos né, ela vem trabalhando muito com isso, com a cultura e com certeza todos aprenderam mais, todos aprenderam a valorizar a nossa cultura, e isso é bom, porque cada um de nós vai sair lá fora e vai ter uma identidade pra se mostrar.

Para o jovem Lindomar Calomezoré:

O meu nome é Lindomar Calomezoré, estou cursando o 3º ano do ensino médio na escola indígena Jula Pará. Falando com relação a escola, desde o tempo atrás ela vem desenvolvendo trabalhos com relação a cultura, sobretudo em relação a sua valorização. No ano de 2011 a escola desenvolveu os trabalhos falando sobre cosmologia indígena, cultura e natureza e medicina tradicional e nesse trabalhos foi onde exigiu muito o desempenho de nós estudantes. Foi um trabalho que nós enquanto estudantes tivemos que ir na prática. Com relação a questão da comunidade vejo que a nossa escola é um

centro de referencia, porque ela esta presente em todas as questões, tanto sociais, principalmente culturais onde a parte que a escola mais trabalha, diante de todas as atividades foi onde despertou meu interesse na cultura. este ano de 2012, na minha auto avaliação foi onde, eu vi que enquanto estudante participei mais das atividades culturais.

Os professores da escola Jula Pará também deram seus relatos sobre o processo de pesquisa, o papel da escola e os desafios da sustentabilidade no território umutina, como esse povo vai organizando e ressignificando os seus traços culturais.

O meu nome é Edna Monzilar, sou professora da escola indígena Jula Pará, sou formada na área de Ciências Sociais. Fiz a pós-graduação em Educação Escolar Indígena. Estou aqui pra falar sobre a sustentabilidade, falar em sustentabilidade pra nós povos indígenas hoje é muito difícil e ao mesmo tempo fácil, porque desde o nossos antepassados sempre houve a sustentabilidade dos povos indígenas, só que não era usado essa palavra sustentabilidade. A sustentabilidade para nós envolve a cultura, envolve questão social, envolve a questão do território que é a terra, que é principal fonte de vida para o nosso povo. E hoje quando se fala em sustentabilidade, nós sempre fizemos como já disse, mas hoje estamos inovando isso, até por questão de sobrevivência. Igual como do nosso povo Umutina, o nosso povo Umutina deixou de falar a língua, mas tudo isso foi questão de sobrevivência, porque eles foram impedido de falar a língua do povo. E hoje posso dizer assim a uns dez anos pra cá estamos trabalhando na questão da revitalização, estamos trabalhando na questão da ocupação do espaço do território indígena Umutina. Até porque aqui a nossa terra é muito rica em fauna e flora.

Na sequência, Osvaldo Corezomaé Monzilar acrescenta como a escola vem desenvolvendo atividades que fortalecem as práticas produtivas.

O meu nome é Osvaldo Corezomaé Monzilar da etnia Umutina, este ano estou trabalhando como coordenador pedagógico da escola Jula Pará, onde a gente vem desenvolvendo vários trabalhos na área de sustentabilidade uma vez que nossos antepassados, nosso povo se auto sustentava, mas com o tempo se foram modificando o modo de auto sustentar. E agora a escola em si, a escola Jula Pará vem desenvolvendo vários trabalhos a partir de um processo que vem desde o currículo escolar diferenciado da nossa escola, a gente está colocando em pratica esses tempo atrás, como estamos desenvolvendo. Desenvolvendo através de trabalhos que venha de encontro com as características da nossa aldeia voltados principalmente pra as roças familiar, onde cada um tem o seu pedaço de roça, onde estão plantando o básico, o necessário que é a fonte da alimentação.

3.6 Sustentabilidade: diferentes percepções, desafio comum

Quando perguntados sobre os desafios da sustentabilidade, os moradores da aldeia Umutina oferecem diferentes respostas. Algumas mais enfocadas em aspectos produtivos e de infraestrutura, outros atentos às interrelações entre sustentabilidade e a valorização e fortalecimento da cultura.

Para o Luis Fernando, é importante considerar a melhoria das estradas, a riqueza da terra que tem no território Umutina e a cultura.

Está tudo mudado a questão dos não-indígenas, os indígenas têm que está acompanhando para saber interagir diante a realidade. O trabalho com a participação dos jovens e crianças é positivo, pois futuramente são eles que estará na liderança.

Nesse sentido, o senhor Vergilio Monzilar também ressalta:

É para a comunidade, por causa do que serviço de transporte, por exemplo, nós temos uma produção para transportar, nós temos que sair daqui, se nós não tiver uma estrada boa, nós vai tem que ter, se nós não trabalhar não vai ter uma boa estrada boa, então o interesse é nosso da comunidade. Espero que as crianças hoje relembra dos tempos que foi feito essa estrada pra progredir a nossa população ai, dá um grande conselho a nossa comunidade pros participante lá fora que é a sociedade branca, pra ver que muitos fala que os índios não fazem nada na área indígena, mas que faz, pra manha depois tiver uma grande produção.

A jovem Rosilene lembra que na aldeia tem muito tucum, babaçu e diversas outras matérias-primas que podem contribuir para a sustentabilidade no território. Nas roças são plantados mandioca, milho, arroz e muitas outras espécies. O trabalho com a horta está se iniciando também na escola.

Ao refletir sobre sustentabilidade, Lindomar Calomezoré pondera:

Primeiro falando sobre sustentabilidade muitas vezes no pensamento, nosso pensamento essa palavra sustentabilidade, muitas vezes é a forma que mas sustentável do ser humano preservar o meio ambiente. Mas eu penso diferente que dentro dessa sustentabilidade está incluído todo histórico de vida dos povos indígenas a maneira com que ele lida com a terra.

Reforçando essa concepção sobre a visão indígena de sustentabilidade, a jovem Geniele destacar:

Falar de sustentabilidade não é só de alimentos, a sustentabilidade envolve a cultura, hoje em dia a gente deve muito sustentar a nossa cultura. E aqui na nossa comunidade a gente faz isso sustenta, agente busca fazer a roça de toco, fazemos artesanatos enfim, essas atividades econômicas que são envolvida na nossa cultura, na cultura dos Umutina.

A pesquisa-ação foi fundamental e positiva. Houve a participação dos jovens, lideranças e cacique. Para os jovens é relevante, pois aprenderam e

tomaram contato com o conhecimento tradicional do povo, como forma de valorização e ressignificação da cultura milenar.



Foto 21 - Centro da Aldeia Umutina. Foto da autora, 2011.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa busca fortalecer o conhecimento do povo Umutina, da comunidade escolar ao conhecer saberes dos nossos ancestrais, os processos de mudanças e transformação que aconteceram no decorrer dos anos como o povo protege o conhecimento tradicional, a busca de alternativas dentro do território e de manter viva e sustentável a cultura para que as novas gerações possam multiplicar e usufruir desse patrimônio.

A veracidade do trabalho se dá a partir de relatos dos indígenas Umutina, a participação efetiva dos jovens que estuda na escola Jula Pare e fontes bibliográficas para o desenvolvimento da mesma. Mostra a vivências e a sustentabilidade do povo no decorrer dos anos e busca de estratégias e alternativa para viver, valorizando o espaço territorial.

E fundamental, pois trata de um registro contado pelo próprio indígena e que vai contribuir com a comunidade e a juventude da aldeia. Diante das influencias da sociedade moderna e o processo histórico vivenciado, os Umutina está reconstruindo a suas histórias, ressignificando os saberes milenares dos antepassados para servir de instrumento e identidade cultural do povo Umutina.

A ressignificação da cultura para o povo Umutina é um marco histórico de modo a manter o sustento para viver e garantir a sustentabilidade, nas dimensões social, territorial e ambiental.

Embora não é falada fluentemente a língua nativa, tem se feito trabalho em conjunto, incentivando as crianças e jovens a praticar a cultura original dos Umutina. No entanto, a revitalização da cultura é fundamental, pois entendem que se a cultura estiver sendo repassada para as novas gerações, a juventude se tornarão conhecedores e protagonista da sua história e de seus valores. É um rico trabalho, cheio de significado, a comunidade tem participado e acreditado na eficiência da escola como espaço para revitalização de suas práticas culturais.

Nesse sentido, observa-se grande avanço, muitos dos jovens já se pintam e cantam sem nenhum tipo de receio, até os adultos estão participando e valorizando a cultura indígena.

BIBLIOGRAFIA

BANIWA, Gersen. **Territórios etnoeducacionais**: um novo paradigma na política educacional brasileira. Apresentado na Conferência Nacional de Educação - CONAE em 2010. Brasília - DF: Centro Indígena de Estudos e Pesquisas (CINEP), 2010 (mimeo).

_____. "Os Saberes Indígenas e a Escola. É possível uma Escola Indígena Intercultural?". In: **Educação Escolar Indígena**: diversidade sócio-cultural indígena, ressignificando a escola. Cadernos SECAD 3. Brasília: SECAD/MEC, 2007.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Presidência da República, 1996.

_____. Ministério da Justiça. Fundação Nacional do Índio. Diretoria de Assuntos Fundiários (DAF). **Imagem de Satélite da Terra Indígena Umutina – MT**. [s. d.].

DIONES, H. **Pesquisa-Ação para o Desenvolvimento Local**. Brasília: Liber Livro, 2007.

GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. **A escola e a comunidade indígena**. [s. l.], [s. d.] (mimeo).

ISA. **De olho nas Terras Indígenas no Brasil**: Terra Indígena Umutina. Disponível em: <http://ti.socioambiental.org/pt-br/#!/pt-br/terras-indigenas/3889>. Acesso em 23 de novembro de 2012.

JANUÁRIO, Elias *et al.* Uma proposta de integração entre a pós-graduação em Ciências Ambientais e a Aldeia Umutina in **Cadernos de Educação Escolar Indígena**. vol. 8, n. 1. Cáceres: UNEMAT, 2010, pp. 93-106.

MONZILAR, Edna; MONZILAR, Eliane Boroponepá. **A mudança do Povo Umutina da Aldeia Umaitá para a Aldeia Umutina**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Ciências Sociais) – Projeto de Formação de Professores Indígenas 3º Grau Indígena.

Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, Barra do Bugres, 2006.

MONZILAR, Edna. **Alimentação do Povo Umutina Antes e Depois do Contato**. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-Graduação em Educação Escolar Indígena), 2010.

MONZILAR, Eliane Boroponepá. **Educação Escolar Indígena e o Processo de Demarcação e Proteção Do Território Umutina**. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós- Graduação Educação Escolar Indígena), 2010.

SCHMIDT, Max. Los Barbados os Umutinas em Mato Grosso in **Revista de la Sociedad Científica Del Paraguay**, n. 5, 1941, p. 1-51.

SCHULTZ, Harald. **Vinte e três índios resistem à Civilização**. São Paulo: Melhoramentos, 1953.

_____. Informações etnográficas sobre os Umutina in **Revista do Museu Paulista**, Nova Série, n. 13, p. 75-313, 1962.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A natureza em pessoa: sobre outras práticas de conhecimento*. Apresentado no Encontro Visões do Rio Babel: conversas sobre o futuro da bacia do Rio Negro. Manaus: ISA; Vitória Amazônica, 2007 (mimeo).

ANEXO 1

TRANSCRIÇÃO DO VÍDEO-REGISTRO DA PESQUISA

Território Umutina: vivências e sustentabilidade

Sequência 1

Imagem do rio: o Território Umutina tem o formato de uma ilha fluvial, à direita o Rio Xopô (Bugres) e a esquerda o Rio Laripô (Paraguai).

Sequência 2

A imagem da criança Umutina retrata a alegria, a simplicidade e a vivência no período em que Rondon conviveu com os Umutina. A criança representa o renascimento da vida para o povo.

Na atualidade, as crianças, como interagem com o ambiente, brincando e sorrindo de forma espontânea e com a pintura corporal.

Sequência 3:

O cotidiano na aldeia. Adolescentes banham-se no rio Paraguai. Mostra a interação saudável e a liberdade de estar na natureza.

Os jovens indo para a roça, para coleta do milho e preparação da festa tradicional.

Sequência 4

Atividades de valorização e fortalecimento da cultura Umutina. As crianças todas enfeitadas com arte da cultura Umutina.

Dança cultural do povo Umutina: katamã e Andorinha, somente os homens participam. Apresentação da dança cultural para a comunidade, o envolvimento da participação dos jovens.

Depoimento do jovem Adevair Amajunepá:

"Eu, como aluno do 2º ano, vou falar um pouco sobre a festa que está acontecendo na nossa aldeia, apresentando a minha série do 2º ano. Eu achei muito interessante de estar participando da nossa cultura e prestigiando e participando na preparação das bebidas típicas e na preparação das comidas

típicas como o beiju, peixe assado e entre vários outros que estamos servindo aqui, como vocês podem ver. E que contamos com toda a turma do 2º ano que participou e que valeu muito apena.

Dança cultural Lorunó com pares - ou seja, com a participação das mulheres, dança Mixinosê somente dos homens. Essas danças Lorunó e Mixinosê foram apresentadas na Caminhada Ecológica, realizada na aldeia Umutina, em 2011.

Mulheres retirando a seda de tucum para confecção da arte Umutina.

O jovem Vanilson Zoloizokemae, cantando a música na língua Umutina sobre o rio Dezoito, que nasce dentro da aldeia.

Sequência 5:

Aulas de campo com os jovens conhecendo o território Umutina, atravessando o rio Dezoito.

Depoimento de Ademil Calomezoré:

"Hoje vocês jovens estão de parabéns, estão fazendo o seus trabalhos, porque isso aqui é faz parte da nossa cultura. Muito tempo os nossos antepassados faziam roças, nós que era mais criança ia, sai do colégio já ia pra roça depois do almoço. E assim naquela época todos tinha seu pedacinho de lavoura, mandioca, banana tudo, principalmente, nós como criança gostava muito de cana, onde tinha todo mundo ia. Então cada naquela época os velhos todos eles tinha um pedacinho de cana, eles plantava e isso chamava muito a atenção de nós que era criança banana todo dia, de tarde a gente chegava com feixe de cana. E hoje NE, uns tempo pra cá o nosso povo deixou muito de fazer a roça, agora está voltando e é muito importante porque aqui é uma sustentabilidade nossa da família".

Depoimento do Cacique Lucimar Calomezoré:

"O meu nome é Lucimar cacique da aldeia Umutina. A importância da nossa terra eu acho pra gente cuidar da terra, mas a gente precisa trabalhar nesta terra, uma terra que é de todos nós, temos que cuidar, mas temos que plantar também pra dar mais segurança ao nosso povo. A importância de vocês também que são jovens é lutar mais, buscar no trabalho, não só para a

comunidade e para a sua própria sustentabilidade e para as suas famílias. Porque hoje vejo a importância de plantar e produzir, porque quase que chegou um tempo que essa nossa mandioca, estava bem dizer acabado, pois ninguém produzia mais, e hoje em dia como mexo com a lavoura agora, a minha tendência é cada vez aumentar mais, produzir mais".

Retirando a mandioca da terra, que é chamada de mandioca de três meses - após esse três meses já está no ponto para ser consumida.

Depoimento de Carminda Monzilar:

"Como vocês já derrubaram, já ajudaram a roçar, ai vem o plantio, ai vocês podem plantar, com vocês vão plantar melancia, não pode plantar encima do outro, tem que plantar um longe do outro. A abobora toma muito espaço da terra e por isso tem que plantar longe da melancia".

Dona Carminda explicou para os jovens a forma de plantar e trabalhar na roça.

Depoimento de Edson Monzilar:

"Eu estou fazendo 68 anos, através de todos os Umutina e os Paresi, os índios Nambikwara que vieram aqui. Eu soube uma historia , mas não foi uma historia muito certo. Mas depois de muito tempos, através da lavoura que nossos antepassados fizeram aqui na nossa aldeia Umutina são os Paresi, os Nanbikwuara, os Umutina que juntaram e fizeram roça. Antigamente nós que sustentava Barra do Bugres através de todos os alimentos".

Depoimento de Leontina Zaquimaé:

"Agradeço a todos de coração a vocês que são novo né, eu quero que vocês escuta, presta bem atenção no que os velhos fala pra vocês, tudo que nós fala pra vocês nós ouvimos dos nossos pais".

Depoimento de Ray Wesley Monzilar:

"A gente como povo, a gente perde o direito a terra, que o governo ele vê, que um povo merece a terra, só quando ele tem a sua cultura, a sua língua, as suas crenças. Como a gente quase o nosso povo foi quase dizimado. Mesmo assim a gente esta conseguindo revitalizar através dos projetos que a escola vem desenvolvendo que são apresentação quase diariamente na

escola, a semana cultural, quando a escola de fora vem, a escola está sempre apresentando, mostrando e divulgando a cultura".

Sequência 6:

Depoimento dos jovens estudantes de Ensino Médio da Escola Jula Pará.

Depoimento Geniele dos Reis Corezomaé:

"Somos da etnia Umutina, moramos na terra indígena Umutina. Somos alunos do 3º ano do ensino médio de 2012. Primeiramente vou falar da importância da escola trás com relação a cultura.A escola vem relacionando muito a cultura, é isso desperta muito, particularmente em mim não só em mim em todos né, ela vem trabalhando muito com isso, com a cultura e com certeza todos aprenderam mais, todos aprenderam a valorizar a nossa cultura, e isso é bom, porque cada um de nós vai sair lá fora e vai ter uma identidade pra se mostrar.

Depoimento de Lindomar Calomezoré:

"O meu nome é Lindomar Calomezoré, estou cursando o 3º ano do ensino médio na escola indígena Jula Pará. Falando com relação a escola, desde o tempo atrás ela vem desenvolvendo trabalhos com relação a cultura, sobretudo em relação a sua valorização. No ano de 2011 a escola desenvolveu os trabalhos falando sobre cosmologia indígena, cultura e natureza e medicina tradicional e nesse trabalhos foi onde exigiu muito o desempenho de nós estudantes.Foi um trabalho que nós enquanto estudantes tivemos que ir na pratica. Com relação a questão da comunidade vejo que a nossa escola é um centro de referencia,porque ela esta presente em todas as questões, tanto sociais, principalmente culturais onde a parte que a escola mais trabalha, diante de todas as atividades foi onde despertou meu interesse na cultura.este ano de 2012, na minha auto avaliação foi onde, eu vi que enquanto estudante participei mais das atividades culturais".

Sequência 6:

Atividades de valorização cultural entre os jovens estudantes.

Pintura corporal feminino, jovens fazendo a pintura corporal, pintura da cachara. A jovens diz: "a pintura da cachara pode ser usada nas crianças, essa pintura representa um peixe.

A pintura corporal masculina, o jovem diz:

"a pintura do braço ela é uma das pinturas que representa o símbolos de todos os peixes, ela é especificamente para os homens, porque o homem é responsável pelos os alimentos, pela alimentação da aldeia e da família. Por ser uma pintura pintada especifica para o homem. Segundo também , porque o instrumento de caça, ela foi criada por um bom caçador, o Martim Pescador que hoje a gente conhece como uma ave".

Sequência 7:

Depoimentos de professores da escola Jula Paré.

Depoimento de Edna Monzilar:

"O meu nome é Edna Monzilar, sou professora da escola indígena Jula Paré, sou formada na área de Ciências Sociais. Fiz a pós graduação em Educação Escolar Indígena. Estou aqui pra falar sobre a sustentabilidade, falar em sustentabilidade pra nós povos indígenas hoje é muito difícil e ao mesmo tempo fácil, porque desde o nossos antepassados sempre houve a sustentabilidade dos povos indígenas, só que não era usado essa palavra sustentabilidade. A sustentabilidade para nós envolve a cultura, envolve questão social, envolve a questão do território que é a terra, que é principal fonte de vida para o nosso povo. E hoje quando se fala em sustentabilidade, nós sempre fizemos como já disse, mas hoje estamos inovando isso, até por questão de sobrevivência. Igual como do nosso povo Umutina, o nosso povo Umutina deixou de falar a língua, mas tudo isso foi questão de sobrevivência , porque eles foram impedido de falar a língua do povo. E hoje posso dizer assim a uns dez anos pra cá estamos trabalhando na questão da revitalização, estamos trabalhando na questão da ocupação do espaço do território indígena Umutina. Até porque aqui a nossa terra é muito rica em fauna e flora".

Depoimento de Osvaldo Corezomáé Monzilar:

"O meu nome é Osvaldo Corezomaé Monzilar da etnia Umutina, este ano estou trabalhando como coordenador pedagógico da escola Jula Pará, onde a gente vem desenvolvendo vários trabalhos na área de sustentabilidade uma vez que nossos antepassados, nosso povo se auto sustentava, mas com o tempo se foram modificando o modo de auto sustentar. E agora a escola em si, a escola Jula Pará vem desenvolvendo vários trabalhos a partir de um processo que vem desde o currículo escolar diferenciado da nossa escola, a gente está colocando em pratica esses tempo atrás, como estamos desenvolvendo.Desenvolvendo através de trabalhos que venha de encontro com as características da nossa aldeia voltados principalmente pra as roças familiar, onde cada um tem o seu pedaço de roça,onde estão plantando o básico, o necessário que é a fonte da alimentação".

Sequência 8:

Paisagens da aldeia, as moradias, a vegetação e o rio Dezoito.

O jovem Vanilson cantando na língua Umutina dentro do rio Dezoito.

Dança cultural onde somente participar os meninos, Katamã –Martim Pescador.

Jovens coletando milho na roça.

Depoimento de Luis Fernando:

"Na prática a importância da melhoria da nossa estrada, a importância da nossa terra, da nossa riqueza que temos aqui. Fazer a cultura nossa, então como você vê hoje,aqui está tudo mudado a questão do não índio,o pessoal tem que está acompanhando para está evoluindo.Eu vejo assim, muito importante essa estrada que estão fazendo essa limpeza que isso é pra vem está trabalhando juntamente com essas crianças que hoje estão acompanhando nós aqui,para futuramente são eles".

Depoimento de Vergilio Monzilar:

"É para a comunidade, por causa do que serviço de transporte,por exemplo, nós temos uma produção para transportar, nós temos que sair daqui, se nós não tiver uma estrada boa, nós vai tem que ter, se nós não trabalhar não vai ter uma boa estrada boa, então o interesse é nosso da comunidade.

Espero que as crianças hoje relembra dos tempos que foi feito essa estrada pra progredir a nossa população ai, dá um grande conselho a nossa comunidade pros participante lá fora que é a sociedade branca, pra ver que muitos fala que os índios não fazem nada na área indígena, mas que faz, pra manha depois tiver uma grande produção".

Depoimento de Rosilene Amajunepa Kupodonepá:

"O tucum, coco e as roças é plantado muito a mandioca, o milho,o arroz e muito outros.E as hortas nós povo Umutina estamos começando a trabalhar com as hortas na escola".

Sequência 8:

Depoimentos sobre os desafios da sustentabilidade.

Depoimento de Lindomar:

"Primeiro falando sobre sustentabilidade muitas vezes no pensamento, nosso pensamento essa palavra sustentabilidade, muitas vezes é a forma que mas sustentável do ser humano preservar o meio ambiente. Mas eu penso diferente que dentro dessa sustentabilidade está incluído todo histórico de vida dos povos indígenas a maneira com que ele lida com a terra".

Depoimento de Geniele:

"Falar de sustentabilidade não é só de alimentos, a sustentabilidade envolve a cultura, hoje em dia a gente deve muito sustentar a nossa cultura.E aqui na nossa comunidade a gente faz isso sustenta, agente busca fazer a roça de toco, fazemos artesanatos enfim, essas atividades econômicas que são envolvida na nossa cultura, na cultura dos Umutina".

Encerramento

Música: História do Povo Umutina